

CLAUDIA KAMPUS MANTOVANI

Formação continuada em serviço: a ética como eixo norteador

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2009

CLAUDIA KAMPUS MANTOVANI

Formação continuada em serviço: a ética como eixo norteador

Trabalho de conclusão de curso apresentado aos professores da Habilitação de Orientação Escolar e Supervisão Educacional, como exigência parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob orientação da Profª Dra. Neide Barbosa Saisi.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

2009

Dedico este trabalho a meu mestre e a minha família: meu abrigo primordial e minha fonte de inspiração.

Verdade

Carlos Drummond de Andrade

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E a segunda metade
Voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada uma optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Agradecimentos

Quero agradecer, em primeiro lugar, a minha família: meu norte, meu forte, meu abrigo, meu consolo, minha fonte de inspiração, de valores e de formação.

A minha mãe, por todas as noites mal dormidas, pelos conselhos, pelo apoio, pelo encorajamento, pela doação, por mostrar os melhores caminhos, pela fonte de energia vital que ela significa para mim.

A meu pai, pelos ensinamentos preciosos, pelos abraços, pelo apoio na caminhada, por acreditar nos processos, por estar sempre por perto quando preciso dele, pelo seu amor.

A minha irmã, por me acompanhar sempre, compreender-me, apoiar-me, consolar-me, por estar sempre ao meu lado.

Ao meu mestre, por iluminar meu caminho, fazer desta jornada um eterno mar de rosas que, apesar dos espinhos, é linda e cheirosa, por ter me dado o abrigo que precisei e por me guiar na trilha do autoconhecimento.

Aos amigos que fizeram parte desta jornada, desde o ensino fundamental até o superior, trazendo-me alegria, descanso, refúgio... Gabriella, Melody, Thiciene, Endrigo, Maria Fernanda, João Vitor, Leandro, Raphael, Iracema, Bárbara, Eliana, Cristina, Graciela, Danielle, Rafaella e Marillia.

A Neide Saisi, que me apoiou neste projeto, me orientou, ouviu meus lamentos, foi companheira na trilha da conclusão deste curso. Foi mais que uma orientadora e mais que uma professora, foi uma educadora.

A todos os meus professores da graduação, que foram pivôs da minha formação e referências de conduta, em especial aos que fazem parte desta habilitação de Orientação Educacional e Supervisão Escolar: Alda Carlini, Artur Costa Neto, Maria Otilia, Marilia Marino, Neide Saisi e Ronaldo Negrão.

As minhas colegas desta habilitação, que dividiram momentos de tensão, descontração, parceria, conhecimento, anseios e companheirismo.

A todos que fizeram e ainda fazem parte da minha história, a cada um que plantou uma semente da transformação, da amizade, do coleguismo e, principalmente, a semente do amor, que pode mover montanhas.

Resumo

MANTOVANI, C. K. **Formação continuada em serviço: a ética como eixo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia – Habilitação OE/SE). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

Este trabalho pretende elucidar o papel de formador de professores, como parte integrante da função do coordenador, e propor a ética como eixo norteador desta ação. Foi realizado com base em pesquisa bibliográfica, observação de campo e finaliza com uma proposta de intervenção. A revisão bibliográfica teve por norte a formação continuada em serviço e a perspectiva histórica da ética, com foco em alguns autores específicos. A pesquisa de campo e a proposta de intervenção referem-se a escola particular em que trabalho. A situação observada foi o espaço do conselho de cooperação, que ocorre semanalmente. Também obtive informações por meio de conversas informais. Os dados observados levaram-me a concluir que o tempo dedicado à formação para o trabalho com o conselho de cooperação era insuficiente. Assim, proponho um projeto de ação a fim de dar o suporte teórico necessário para esta ação.

Palavras-chave: formação continuada em serviço, ética, conselho de cooperação.

Abstract

MANTOVANI, C. K. **Formação continuada em serviço: a ética como eixo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia – Habilitação OE/SE). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

This research intends to elucidate the function of the coordinator as a pivot of teacher's formation, and to propose the ethics as an axis of this action. The parts that compose this work are bibliographical research, observation *in loco* and an intervention proposal. The bibliographical research broached the continuous formation in service and the historical perspective of ethics, with focus in some specific authors. The field research and the intervention proposal refer to the private school that I work. The observed situation was the space of "cooperation piece of advice", that weekly happens. I also obtained information through informal conversations. The observed data took me to conclude that the time dedicated to the formation for the work with the cooperation piece of advice was insufficient. So, I propose an action project to give the necessary theoretical support for this action

SUMÁRIO

Introdução	09
I – História em transformação	11
II – A formação continuada em serviço	20
2.1 A formação ética	25
III – O Coordenador Pedagógico	31
IV – Metodologia	37
V – Dados de campo	39
A. Dados Documentais	39
1. Identificação da instituição	39
2. Prédio escolar	40
3. Estrutura administrativa e social, organização e funcionamento	41
4. Planejamento escolar	42
5. O conselho de cooperação	43
B. Dados de observação	44
1. Análise das pautas dos Conselhos de Cooperação	44
2. Conclusões	50
VI – Proposta de ação	52
1. Retomada do tema e justificativa	52
2. Objetivos	53
3. Encaminhamentos (procedimentos e conteúdos)	53
4. Avaliação	54
5. Plano de ação: “Formação continuada em serviço: a ética como eixo norteador”	54
Considerações finais	64
Referências bibliográficas	65
Anexo 1 – Pautas dos Conselhos	69

Introdução

Educar...Um ato belo e complexo. Nossas primeiras experiências com a educação ocorrem em casa, com nossos pais e parentes próximos. Logo vamos para a escola e entramos em contato com um novo mundo, de conhecimentos, de novos colegas, de novas experiências.

Quando reflito sobre minha vontade de ser educadora, penso sempre no sucesso de meus professores, que instigaram a curiosidade e nortearam o caminho. Também penso no sucesso de minha mãe, como educadora e formadora de valores familiares e da sociedade.

Ao escolher o curso de Pedagogia na PUC-SP visava uma formação sólida, com a fundamentação teórica necessária e a prática envolvendo tais teorias. No decorrer dos anos, percebi que era possível articular teoria e prática, fato que, ao entrar na universidade, achava impossível.

Iniciei meus estágios em escolas particulares, onde tinha reuniões de formação continuada e conversas com coordenadores acerca do trabalho e planejamento. Posteriormente, decidi observar o trabalho na escola pública, e o que vi era a falta de preparação do profissional e a falta de articulação do coordenador para que a formação se efetivasse. Em uma das escolas em que estive, a coordenadora recomendou diversos livros para a professora cuja turma observei, embora esta não compreendesse o que estava escrito nos livros e, com medo de perguntar, continuava seu trabalho da mesma forma.

Minha primeira experiência como professora foi com uma sala de jovens e adultos, lecionava língua portuguesa. As aulas ocorriam após o expediente deles na própria empresa. Adorava o jeito com que eles estavam interessados e eram gratos pelo trabalho voluntário, embora, após um dia de serviço, o rendimento fosse baixo. Nosso coordenador fazia reuniões semanais com discussões sobre o tema EJA (Educação de Jovens e Adultos) e trazia livros, textos e palestrantes.

Após essa experiência, fui contratada como professora auxiliar de uma escola particular. Nela havia reuniões quinzenais somente para as auxiliares e semanais para as professoras. Essa escola se preocupava muito com a formação continuada em serviço, oferecia cursos, palestras com estrangeiros e

reuniões com pessoas importantes da área de educação. Como exigência, tínhamos que apresentar um relatório mensal abordando algum fato de sala com sua fundamentação teórica.

A terceira instituição escolar em que trabalhei, e onde trabalho atualmente como auxiliar de sala, não apresenta a mesma preocupação com a formação das auxiliares. Os professores têm encontros semanais particulares com o orientador e encontros em grupo com a coordenação. A escola oferece cursos e palestras, mas o foco são os professores, e não os demais agentes educacionais que ali se encontram, como os porteiros, faxineiros e auxiliares. Esse fato prejudica o trabalho, pois não são somente os professores que educam, mas o conjunto da instituição, o que contradiz a concepção de que o trabalho educativo desenvolvido na escola sofre o impacto de todo o “staff” da instituição.

Leciono gratuitamente música em um orfanato, que é muito gratificante, pois posso, por meio da música, ensinar alguns valores humanos essenciais. Também desenvolvo aulas de valores humanos no centro Sri Sathya Sai Baba de Perdizes com crianças de diversas faixas etárias. É um trabalho voluntário que possibilita às crianças o conhecimento de histórias, vivências, valores, músicas e soluções para alguns conflitos, assim como a formação ética.

A partir dessas experiências como educadora, percebi que o papel do coordenador é de suma importância na formação docente, pois transmite os objetivos da instituição escolar, é uma referência de conduta e também fonte de ideias, embora muitas vezes não saiba como empregá-las. Pela falta de determinação das responsabilidades dele, acaba por se sobrecarregar com tarefas que deveriam ser delegadas.

Esta pesquisa visou elucidar o papel do coordenador como formador de profissionais em serviço, onde o foco será a questão da ética e como trabalhá-la com os alunos. Proponho um plano de ação de formação continuada em serviço tendo como base os dados coletados na escola onde trabalho com o espaço de formação ética de alunos.

Capítulo I

História em transformação

A sociedade em que vivemos é definida como democrática, embora a democracia não abranja todos os âmbitos. É dividida em classes sociais e é capitalista, sendo assim, possui interesses individuais e públicos.

O capitalismo envolve o liberalismo na economia. O liberalismo é a dimensão ideológica que sustenta o capitalismo pela qual cada um pode investir o seu capital da forma que quiser, produzir o que quiser, assim como possuir o que quiser. Nesse sentido, envolve a economia, pois diz respeito à produção da subsistência para o homem. O capitalismo, como o próprio nome diz, relaciona-se ao capital, ao excedente, isto é, aquela porção de capital não utilizada para a sobrevivência do homem, e sim ao montante que excede a sua necessidade. Este excedente só é obtido devido à mais valia, que é definida por Abbagnano (2007) como fenômeno que *decorre do trabalho excedente do operário e identifica-se com o conjunto do valor por ele gratuitamente oferecido ao capitalista*.

A partir desse modelo econômico temos a dimensão política da sociedade, ou seja, tem-se por pressuposto que é democrática por ser coletiva, ou seja, todos decidem, todos são iguais perante a decisão¹, e todos têm o direito de expressar a sua opinião em público². Apesar disso, há uma contradição entre o que é apregoado e a realidade, visto que o acesso aos bens materiais encontra-se nas mãos de poucos, assim como a cultura, o que gera a desigualdade. Essa desigualdade encontra seu fundamento no próprio modelo capitalista que a engendra.

Com este pano de fundo econômico, a sociedade está organizada, atualmente, em três setores: o 1º setor é público, constituído pelas instâncias administradas pelo Estado; o 2º é o privado, que são empresas particulares; e o 3º é o das organizações não governamentais, empresas, escolas, grupos e etc em que a sociedade civil possui a decisão soberana. Portanto, economicamente a sociedade é individualista, pois apesar de haver a isonomia,

¹ Dá-se o nome de “isonomia” a esta definição.

² “Isegoria”.

quem decide é quem está no poder, politicamente é democrática, pois há votações para eleger pessoas, leis, etc, mas depois disso, volta para o âmbito individual, pois há o contrato, onde os interesses de cada empresa imperam.

Em relação aos setores, a escola pode ser: pública, privada ou pode se dar em organizações não governamentais. A escola pública, administrada pelo Estado, prefeitura ou município, dependendo do nível, possui acesso de todos. Nela, as decisões são norteadas por discussões no grupo docente.

A escola privada, pertencente ao 2º setor, acaba sendo uma empresa de formação onde o cliente paga uma mensalidade a fim de garantir o ensino, e a esse fator vem intrínseco o fato de que, por pagar, muitas vezes os pais exigem certas coisas, como por exemplo, vista grossa quanto à faltas. A instituição acaba por aderir às exigências dos pais para não perder o cliente, sendo esta escola não um espaço democrático, mas de interesses. As instituições não governamentais oferecem cursos de música, leitura, dança, além dos estudos básicos, como incentivo para a comunidade local presente com relação à educação e à formação.

Seja qual for o tipo de setor que escola esteja vinculada, ela possui um papel importante na sociedade, e é garantida pela Constituição de 88:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1999).

Com a obrigatoriedade legal da escola, é a instituição que possui o seu público garantido com a finalidade de educá-lo. Segundo Abbagnano (2007), a educação é entendida como:

(...) transmissão e o aprendizado das técnicas culturais, que são técnicas de uso, produção e comportamento mediante as quais um grupo de homens é capaz de satisfazer suas necessidades, proteger-se contra a hostilidade do ambiente físico e biológico e

trabalhar em conjunto, de modo mais ou menos ordenado e pacífico.

Todavia, seus profissionais muitas vezes não são qualificados, não sabem como administrar o tempo e quais são as atividades que melhor podem desenvolver as capacidades dos alunos. Como por exemplo, a necessidade de movimento que a criança de modo geral tem, em especial a criança da educação infantil. Considera-se em Piaget que a base do desenvolvimento cognitivo é a ação, o que requer atividades que exijam o movimento para propiciar um passo no desenvolvimento do aluno.

O coordenador deve, neste contexto, sempre visar o melhor desenvolvimento do aluno, e tentar favorecer a democracia, tanto entre professores, quanto entre alunos e como a constituição proclama, prepará-los para o exercício da cidadania. Para compreender o que é melhor para o aluno, o professor carece de fundamentação teórica que o ajude a compreender o papel da escola no mundo atual; os alunos para os quais suas ações estão voltadas e a finalidade da educação norteadas por valores éticos. Assim, tendo em vista esse contexto atual, é necessário fazer uma retomada da visão de homem e como ela se modificou durante os séculos.

Dentre suas maiores preocupações, o ser humano sempre buscou explicar sua existência e os fenômenos naturais. No início, mitos e lendas eram usados, mas no final do século VII e início do século VI a.C., ocorreu uma quebra desta linha de pensamento, nascendo a filosofia, que traz o olhar crítico e racional dos fenômenos.

Na Grécia antiga, dois filósofos, do período chamado pré-socrático, formularam a base de duas linhas de pensamento: Parmênides e Heráclito.

Parmênides (510 – 470 a.C., aproximadamente) refere-se à realidade como estável, para ele o movimento é uma ilusão, não existe. O que faz com que pareça o movimento é, na verdade, uma sucessão de momentos parados. As idéias de habilidade e competência são inatas, não provém dinamismo existente entre o homem e seu meio. Contrapondo-se a ele, Heráclito (544 - 480 a.C.) diz que o homem sempre se modifica, está em constante movimento (é a única coisa inata). Esse é um dos princípios que levou, mais tarde, à

dialética. Porém, as idéias de Heráclito foram ignoradas na época, sendo Parmênides o inspirador das visões epistemológicas tratadas a seguir.

Platão (428 – 347 a.C., aproximadamente) é idealista, assim, as idéias já estão dadas em si mesmas. Para ele, o belo é inato e imutável, o homem sabe porque tem essa experiência inata. Existe a dualidade entre corpo e alma, sendo o corpo belo, local onde ocorre a lógica (organização do conhecimento) e está a ética que, apesar de estar no mundo das idéias, concretiza-se no agir. A alma está no mundo das idéias, que é perfeito, o homem esquece desse mundo com o choque do nascimento, mas a partir do momento em que aprende, retorna a ele. A luta humana consiste na passagem da imperfeição para a perfeição. *A busca de uma condição incondicionada para o conhecimento, o encontro com o absoluto fundamento da verdade (que só então se distingue do erro e da fantasia), é para Platão não o ponto de partida, mas a meta a ser alcançada (p. XV).*

René Descartes (1596 – 1650) prossegue a linha de Platão, concebendo a dualidade corpo e mente, com a diferença de que o corpo é matéria e se decompõe e a mente, onde se encontra a alma, é o homem em si. Ao desprender a alma do corpo, há a possibilidade de estudá-lo, conservando o conceito de alma pregado pela Igreja. Descartes é racionalista e traz como método a “dúvida metódica”, assim “penso, logo existo”.

Em oposição, David Hume (1711 – 1776), empirista, afirma a busca de um princípio que é encontrado na observação, na experiência. As sensações, assim, são valorizadas, pois é a partir delas que entramos em contato com a verdade. *O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada (p. 69).* Assim, critica o racionalismo de Descartes, pois o raciocínio é resultado da observação. Em Hume, não há mais dualidade entre corpo e alma, o ser humano passa a ser visto como totalidade.

Immanuel Kant (1724 – 1804) foi influenciado por Hume e Rousseau em sua teoria do criticismo, na busca do conhecimento verdadeiro. Ele acredita que é por meio da percepção que é acessado o mundo das idéias, mas a experiência é só a porta de entrada, o que me faz conhecer é o pensamento. *Mas embora todo o nosso conhecimento comece com a experiência, nem por isso todo ele se origina justamente da experiência (p. 25).*

A idéia de que a realidade é estável ficou congelada por toda a Idade Média, somente então a teoria de Heráclito foi resgatada por Hegel, Marx, entre outros, que a estudaram e identificaram a realidade em movimento e, desde então, esta teoria tem sido aceita na sociedade.

Hegel (1770 - 1831) é idealista, parte do pressuposto de que o ponto de partida e o ponto de chegada é a ideia. Na sua concepção, somente o homem possui espírito, que é chamado de espírito absoluto (mente humana). A verdade é subjetiva e contesta a possibilidade de haver uma verdade acima da verdade humana, pois todo o conhecimento é humano.

Este filósofo preocupa-se com o movimento de transformação que levará o homem a ser um sujeito histórico, propondo, assim, os estágios do conhecimento: tese, antítese e síntese. A tese é o conceito inicial predominante, a antítese nega a tese, gerando a contradição, e a síntese é a acomodação do novo conceito e a transformação da realidade. A síntese é uma nova tese, que provocará a continuidade deste movimento tese-antítese-síntese. Por exemplo, ao corrigir um caderno, estou negando o saber do aluno e produzindo um movimento para que ele venha a saber. A escola, assim, é um movimento de antítese ao senso comum, à sociedade. Esse movimento é chamado de dialética.

Marx (1818 - 1883) traz o conceito de que não é a mente que cria, que transforma a realidade, mas a realidade que cria a ciência humana.

Marx dizia que não eram os pressupostos espirituais numa sociedade que levavam a modificações materiais, mas exatamente o oposto: as condições materiais determinavam, em última instância, também as espirituais (GAAEDER, 1995, p. 419).

Sua principal contribuição é o materialismo histórico dialético. A relação do homem com ele mesmo e com a natureza (meio). Para ele, nada existe fora destas duas possibilidades: o homem e o meio. As relações humanas são sempre materiais. Ele é um ser histórico, pois está inserido numa relação de espaço-tempo constantemente. Assim, essa relação material datada e contextualizada esta sempre em movimento (dialética).

Esta concepção marxista de homem engendrado nas suas condições materiais, históricas e mutáveis é aplicada ao capitalismo. Neste, a relação trabalho e salário, que é feito por contrato, traz a impressão de que a realidade é justa. Entretanto, o trabalhador que é quem produz o capital, que está no interior da sociedade, não tem posse de seu produto, pois seu trabalho não lhe pertence, mas pertence ao dono do capital. Considerando que o trabalho é uma atividade que o transforma este vai, aos poucos, alienando-o, fazendo com que ele perca sua dignidade humana.

O trabalho passou por alguns estágios. Primeiramente, de forma extrativa, a colheita e a caça para a subsistência, período em que não havia excedentes. Ao fixar-se em uma terra, a agricultura veio como forma de estabilizar a produção dos alimentos que julgavam necessários, permitindo a guarda desses. A fixação do homem em um território faz surgir a divisão de trabalho: mulheres cuidavam da agricultura e os homens caçavam.

Com o excedente, a desigualdade instala-se nas relações, devido às diferenças do porte das terras e das trocas. Escravos, servos e camponeses passam a fazer o trabalho da terra, enquanto os donos comandavam e acumulavam excedentes. O trabalho artesanal surge incentivado pelo trabalho da terra e, concomitantemente, *o comércio mediado pela moeda* (ALBORNOZ, 2008, p. 19).

Os burgueses, comerciantes bem-sucedidos, empregavam trabalhadores e acumulavam riquezas. *Criam-se novas condições para o cultivo das artes assim como das ciências* (Idem, p. 21), e a característica principal da nova era do trabalho é a aplicação da ciência e do domínio sobre os fenômenos físicos sobre a produção, aumentando-a em larga escala (Revolução Industrial).

A era moderna traz a tecnologia como trunfo: seu primeiro estágio ocorreu com a invenção da máquina a vapor (séc. XVIII); o segundo, com a eletricidade (séc. XIX); e o terceiro, com a automação, a invenção do computador, podemos chamá-la de *terceira onda da Revolução Industrial* (Idem, p. 22).

Agora, o ser humano é cercado por variáveis tecnológicas que deveriam trazer-lhe felicidade e paz, visto que as máquinas substituíram o trabalho manual em fábricas e multinacionais, promovendo o desenvolvimento da economia e proporcionando ao homem maior tempo livre.

Entretanto, o objetivo dessa tecnologia foi modificado para produzir armas de extermínio em massa para que poucos dominem territórios maiores. *O indivíduo moderno encontra dificuldade em dar sentido à sua vida se não for pelo trabalho (Idem, p. 24)* e, apesar de saberem das conseqüências de se viver ociosamente, é uma busca do homem deixar de ter o labor.

Todo trabalho supõe tendência para um fim ou esforço. Para alguns trabalhos, este esforço será preponderantemente físico; para outros, preponderantemente intelectual. Contudo, parece míope e interesseira esta classificação que divide trabalho corporal e trabalho intelectual (Idem, p. 11).

Todos os tipos de trabalho exigem um tipo diferente de esforço que deve ser valorizado, embora não seja o que ocorre nos diferentes âmbitos da sociedade, já que muitos trabalhos são desvalorizados, ou por exigirem força física, ou por não exigirem trabalho intelectual, somente mecânico. Os pensadores são valorizados na sociedade, mas e os demais? Por exemplo, serviços de venda por telefone, exigem muito dos trabalhadores, que não são valorizados. Muitas outras profissões são ignoradas por serem pré-classificadas como boas ou ruins, sendo que o critério é o salário e a quantidade de serviço que a pessoa terá que exercer.

É neste contexto mundial que a sociedade brasileira está inserida, e dentro dela a escola reflete as contradições promovidas pelo capitalismo e pelas transformações lógicas postas pela terceira onda da Revolução Industrial. A sociedade e o trabalho caminham juntos e resultam no desenvolvimento de papéis assumidos por cada um de nós. Papéis como profissionais, como filhos, irmãos, amigos, enfim, uma enorme rede que nos conecta e classifica. Sofremos diversas influências de familiares, amigos, mídia, escola entre outros e, como já foi dito, do contexto mais amplo relativo ao panorama histórico, econômico e político da época atual.

Ao meu redor gravitam pessoas, eu gravito ao redor de outras; de nossos átomos sócio-culturais (núcleo de relações que estabelecemos nos papéis que desempenhamos) uma rede se forma, construindo o tecido social e o marcando com correntes psicológicas, emocionais (MARINO, 1998/1999, p. 87/88).

A rede de papéis onde me encontro envolve a relação entre a pessoa e seu átomo, seus papéis, sua relação com as outras pessoas, sua relação com o grupo, formando uma teia de relações. É a partir do grupo que, de acordo com Lapassade, inicia-se a experiência da vida social organizada. Do grupo, passamos para as organizações, estabelecimentos físicos com suas normas, leis e regulamentos, mediando a ligação entre o Estado e a sociedade civil. *Aqui o padrão relacional já se mostra marcado pela impessoalidade das relações formais (Idem, p. 89).* Nesse nível, as relações são distantes devido à burocracia, às diversas teias de grupos que se inter-relacionam de maneira subjetiva, tendo em comum o objetivo proposto pela organização. A próxima, e última instância são as Instituições. É o Estado, “invisível”, entendido como as ações das organizações e da sociedade civil que estão em concordância com as leis que emergem dos padrões de comportamento validados na cultura (Idem).

Frente a essa sociedade que cria novas necessidades e exige novas habilidades, o coordenador deve sempre visar o melhor desenvolvimento do aluno e tentar garantir a democracia entre todos os profissionais envolvidos na área da educação. O processo de orientação vocacional desempenha um papel de extrema importância, pois é um meio facilitador de os adolescentes conhecerem os diferentes caminhos e realizarem a escolha que lhes pareça mais correta, além de ter o papel do autoconhecimento.

A OV propicia o processo de autoconhecimento, aplicando essa compreensão às ocupações. Hoje em dia, a OV é o resultado de um certo número de movimentos, pesquisas e trabalhos que no início tiveram o objetivo imediato de auxiliar os jovens na

escolha de ocupações adequadas (ANDRADE; MEIRA, 2002, p. 47).

Assim, a orientação, após um longo trajeto de evolução de um simples teste psicológico para um complexo processo de autoconhecimento, é muito importante para facilitar a entrada deste ser na área profissional como trabalhador, dotado de habilidades próprias que devem ser desenvolvidas a fim de se garantir o direito à educação, como consta da Constituição de 88. A OV deveria ser implantada num processo longo e duradouro desde o início da vida e não somente perto da data da escolha profissional, pois o processo de autoconhecimento é longo e exige atenção dos profissionais da área de educação, tendo em vista que é este processo que possibilitará maior consciência e aumentará a probabilidade da escolha bem sucedida.

São funções da orientação vocacional propiciar ao sujeito a reflexão acerca de si próprio, levando em conta suas características e a compreensão de sua personalidade, entendendo-a como um fenômeno subjetivo, inconcluso, cujo processo de desenvolvimento ocorre na interação dele com o mundo. É dessa premissa que o valor do orientador vocacional se coloca. Assim, essa característica, a da inconclusividade, já pressupõe que a atuação do orientador educacional para lidar com situações de conflito requer um contínuo processo de aprendizagem e de reflexão sobre si mesmo na relação com seu contexto. Considerando o contexto em que está inserido, e a partir de tais reflexões, o sujeito estará apto para analisar seus interesses, habilidades/ aptidões e fazer ligações entre seus projetos de vida – pessoal e profissional – e as informações das diferentes profissões.

Assim, o ser humano é considerado como histórico, contextualizado no espaço-tempo e capaz de transformar-se.

Capítulo II

A formação continuada em serviço

Vivemos um tempo de mudanças onde as informações circulam, os conhecimentos se transformam e as demandas modificam-se constantemente. A sociedade cria necessidades a cada dia, aumentando a carga de responsabilidades e conteúdos que as crianças devem dominar para, quando crescerem, serem integrados à sociedade.

Nossa história foi construída no esquecimento daquilo que Paul Valéry chamou de duas maiores invenções da humanidade, o passado e o futuro. Sem passado e sem futuro, esta história oficial esvazia não apenas nossos pensamentos, mas principalmente a própria idéia de História (NOVAES, 1994, p. 9).

A história é constituída pelo fio da temporalidade, onde nós situamos fatos, acontecimentos e descobertas. Repetimos erros e acertos, tentando esquecer alguns acontecimentos e acabamos por *desmentir o axioma de Descartes que dizia que nem mesmo o próprio Deus pode fazer com que o que aconteceu deixe de ser um acontecimento* (Idem, p. 9/10).

Ocorrências, imprevistos, acertos e erros mostram a necessidade de o educador planejar ações, fazer de certos imprevistos algo previsível, garantir o processo de ensino – aprendizagem, suprimindo os conteúdos formais e os atitudinais, são tarefas do professor – com relação a seu aluno – e do coordenador – visando a formação deste profissional na instituição educacional específica onde trabalha.

Gonçalves (1995), a partir de uma formulação teórica de Matus (1991), propôs quatro conceitos, ou momentos do cotidiano: Importância – Rotina e Urgência – Pausa.

Atividades de importância são as previstas no dia-a-dia, que visam atingir as metas a curto, médio e longo prazo. O movimento de transformação, assim como as ações prioritárias para suprir as necessidades pedagógicas

encaixam-se aqui. Atividades de Rotina são voltadas para a organização da escola, seus limites, sua rotina diária. Essas atividades são planejáveis, previsíveis.

Atividades de Urgência são ações que não estão previstas, como atrasos, comportamentos inesperados, quebra de rotina, imprevistos, podendo levar a um redirecionamento das Importâncias. Atividades de Pausa estão ligadas às necessidades humanas individuais, são necessárias para o melhor desempenho dos profissionais e para criar ambientes melhores de trabalho.

Essas ocorrências foram propostas para a atuação do coordenador pedagógico, mas também são ocorrências diárias do professor em sala, pois existe uma rotina a ser cumprida, objetivos a serem alcançados, imprevistos e a necessidade de descanso.

Frente a imprevistos e situações que envolvam especificamente uma metodologia de trabalho, a formação continuada em serviço, faz-se necessária e é uma das tarefas do coordenador.

A atualização dos profissionais da área de educação tem que ser contínua, pois informações novas e mudanças constantes são uma característica da sociedade em que estamos inseridos, e, como o próprio nome diz, a formação não acaba, é como caminhar eternamente sobre uma escada, subindo os degraus e imaginando que, a cada passo você adquire novos conhecimentos e torna-se mais capacitado para desenvolver o seu trabalho, embora a frequência nos cursos não seja uma garantia de melhora na qualidade de ensino, como comprova Fusari³. Tal formação deve ocorrer em serviço, pois é lá que se apresentam claramente as dúvidas, dificuldades e sugestões para a re-construção do Projeto Político Pedagógico.

Cada instituição escolar possui uma metodologia específica, crenças, valores a serem vivenciados, e o profissional somente poderá compreendê-los se a escola lhe propiciar as condições. Por ser continuada e em serviço e tendo por referência o Projeto Político Pedagógico, a formação é contextualizada,

³ In: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R. (orgs) **O coordenador pedagógico e a formação docente**

integrada à realidade, sendo um meio eficaz de promover a adequação das propostas pedagógicas às necessidades da realidade.

A formação continuada pode ocorrer em diversos espaços, apresentada como cursos de extensão, de especialização, eventos, palestras, livros, enfim, há uma infinidade de meios. O coordenador, assim, pode ministrar palestras, sugerir livros para discussão, propor vivências com a finalidade de sensibilização para determinados trabalhos, como a formação moral e ética de seus alunos, contratar profissionais para palestrar ou trazer uma situação – problema como estopim para a discussão.

Esse tipo de formação ocorre coletivamente, com todos os profissionais da escola, e individualmente, quando algum problema mais sensível permeia a situação. No âmbito coletivo, as discussões podem ocorrer por temas, os profissionais podem ser separados em grupos por categorias específicas, onde o coordenador pode articular interesses e ciclos. Há a *troca de informações e conhecimentos, da elaboração e acompanhamento conjunto de planejamentos, projetos e propostas de trabalho*⁴.

É importante envolver todos os profissionais da instituição, desde os porteiros, faxineiros, cozinheiros, até os professores, que realizam o trabalho pedagógico formal, pois todos que estão dentro do ambiente escolar educam, influenciam e são referências para os educandos.

*(...) Toda a escola estaria reunida para repensar-se e repensar o trabalho que vem desenvolvendo, numa dinâmica que envolveria direção, corpo administrativo, corpo técnico, professores, especialistas, representantes de alunos e representantes da comunidade*⁵.

O movimento da formação ocorre em muitos locais, porém, por que é aplicada e não são apresentados dados de melhora do desempenho dos alunos? Será que ela está ocorrendo verdadeiramente?

⁴ GEGLIO, P. C. *O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço*. In: PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R. (org). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**.

⁵ FUSARI, J. C. *Formação contínua de educadores na escola e em outras situações*. In: BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R. (orgs) **O coordenador pedagógico e a formação docente**.

A reflexão acerca da práxis é necessária e ocorre neste espaço. Podemos estudar diversos métodos, escolas e recursos inovadores, mas se não refletirmos, analisarmos nossa prática e nos transformarmos de fato, de nada adiantará a formação, ela será maçante e ineficaz, correndo o risco de voltar à prática tradicional, onde o professor-coordenador é representado por uma boca e os alunos-professores, por ouvidos sem reflexão e articulação.

O coordenador pedagógico tem a função de guiar essa formação, levar seus profissionais à reflexão sobre dogmas institucionalizados e quebrar estereótipos. Por exemplo, a medicalização na escola está aumentando, principalmente em casos em que isso não é necessário. A Dra. Cida Moysés desenvolveu uma pesquisa e concluiu que, na década de 60, o discurso era da desnutrição, agora a “moda” é o transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDA/H) e a dislexia, que não se caracterizam sempre como doenças neurológicas, mas são consideradas como tal⁶.

Faz-se necessário levar em consideração o conhecimento prévio do profissional em formação continuada, ou seja, qual a formação acadêmica que recebeu? Quais os pontos marcantes? A partir desse levantamento será possível construir uma sólida formação, encaminhando o que não ficou claro e que diz respeito à prática educativa na instituição em que está inserido e a complementação a fim de propiciar diferentes encaminhamentos para as situações de rotina e urgência.

É importante salientar que as referências que temos na universidade com os profissionais serão as referências que levaremos para o nosso trabalho, da mesma forma, o coordenador é uma referência para o trabalho do professor. Assim, a coerência deve permear sua prática, assim como a ética.

Outro aspecto importante é o trabalho do coordenador com a formação do grupo de professores como um grupo coeso. Sousa⁷ expõe três momentos, sendo que o primeiro é representado pelo grupo como um amontoado de pessoas que se unem com um mesmo objetivo. Esse grupo passa para o

⁶ Informações retiradas da Palestra “Medicalização do processo ensino-aprendizagem”, ministrada pela Prof^a Dra. Cecília Azevedo Lima Collares e “O lado oculto da dislexia e do TDAH”, ministrada pela Prof^a Dra. Maria Aparecida Affonso Moyses no Instituto Sedes Sapientiae.

⁷ SOUZA, V. L. T. **O coordenador pedagógico e a constituição do grupo de professores.** In: ALMEIDA; PLACCO. **O coordenador pedagógico e o espaço da mudança.**

segundo momento quando começam a surgir as diferenciações, pois não são apenas um *amontoado indiferenciado* (*Idem, p. 31*), são um grupo de pessoas dotados de opiniões diferentes. No terceiro momento o grupo expressa tais opiniões divergentes, fazendo o exercício da discussão.

É de extrema relevância que o coordenador assuma seu papel neste trabalho, pois existem papéis que cada ser se atribui, como por exemplo, o silencioso, que não gosta de expressar-se por medo ou por vergonha, o falante, que adora falar e tropeça em todos para que a sua opinião prevaleça, entre outros que podemos constatar em reuniões. Devemos, assim, trabalhar o ver, o ouvir, o falar, o compreender e o prezar na formação continuada em serviço, valorizando nossos profissionais nas relações interpessoais que existem no espaço.

O registro é outro ponto que auxilia na significação e continuidade da formação continuada em serviço. Os registros podem ocorrer individualmente, por uma pessoa que será responsável por escrever, pelo coordenador ou coletivamente. Mostrando questões, ponderações, encaminhamentos e atividades que foram realizadas, este documento é um meio de concretizar e oficializar o que foi discutido, para que se possa, mais tarde refletir sobre o que já fora refletido antes, provocando novas quebras de esquemas e novos encaminhamentos.

Ao entrar em uma escola onde padrões já são estabelecidos, o trabalho com a formação pode ser mais árduo, pois mudanças de mentalidade não ocorrem rápida e facilmente, mas são construídas em sólidos embasamentos teóricos, discussões acerca de problemas reais e vivências que elucidem as novas tendências e necessidades. Portanto, este coordenador também deve ser paciente e persistente, acreditar em seus ideais e nos da instituição para que trabalha, pois não podemos formar sem acreditar no que estamos ensinando.

Cada um tem um jeito diferente de aprender, assimilar e acomodar informações, assim como os professores. Por isso, devemos respeitar o processo de aprendizagem do profissional, lembrar que devemos procurar diferentes meios de transmitir determinados conteúdos, que eles não são um receptáculo de informações, mas sujeitos crítico-reflexivos da sua práxis e da

sua formação, e proporcionar este espaço num ambiente de formação continuada é significativo e essencial para instruir formadores de cidadãos ativos, críticos e reflexivos e, como nos inspirou Heráclito, num eterno *movimento inato* de construção, desconstrução e re-construção.

2.1 A formação ética

Ethos – ética em grego – designa morada humana. O ser humano separa uma parte do mundo para, modelando-a ao seu jeito, construir um abrigo protetor e permanente. (...) Ético significa, portanto, tudo aquilo que ajuda a tornar melhor o ambiente para que seja uma moradia saudável: materialmente sustentável, psicologicamente integrada e espiritualmente fecunda (BOFF, 1997, p. 90).

A ética permeia todo o ambiente social e pode ser considerada como a ciência da conduta. Segundo Abbagnano existem duas concepções fundamentais: a primeira, que considera a ética como ciência orientadora do *fim* e dos *meios* para a conduta do homem, retrata a linguagem ideal para a qual o ser humano se dirige por natureza; e a segunda, que considera a ética como *ciência móvel* da conduta humana, sendo a determinação de tal móvel um ponto para dirigir a conduta ao conhecimento dos fatos.

Platão expõe a ética como:

(...) ética das virtudes, e as virtudes são funções da alma determinadas pela natureza da alma e pela divisão de suas partes (...) Aristóteles determina o propósito da conduta humana (a felicidade), a partir da natureza racional do homem, e depois determina as virtudes que são condição de felicidade. Por sua vez, a ética dos estóicos, com a sua máxima fundamental de “viver segundo a razão”, deduz as normas de conduta da

natureza racional e perfeita da realidade (ABBAGNANO, 2007, p. 443).

O ponto comum entre tais doutrinas é a determinação da natureza necessária do homem e a dedução do *fim* para o qual devem orientar-se de tal natureza. Hegel, também pertencente a esta concepção, acredita que a moralidade é a intenção subjetiva do ser humano de realizar o que é proposto e realizado pelo Estado, que é o ponto de partida e de chegada. Todos os pensadores da ética no período Medieval seguem essa linha e se enquadram na primeira concepção proposta por Abbagnano.

A segunda concepção *se configura como uma doutrina do móvel da conduta* (*Idem*, p. 445). Sua principal característica é que não define o bem como sua base, mas como *objetivo da vontade humana* (*Idem*). Locke faz parte desta concepção, dizia que:

Uma vez que Deus estabeleceu um laço entre a virtude e a felicidade pública, tornando a prática da virtude necessária à conservação da sociedade humana e visivelmente vantajosa para todos os que precisam tratar com as pessoas de bem, não é de surpreender que todos não só queiram aprovar essas normas, mas também recomendá-las aos outros, visto estarem convencidos de que, se as observarem, auferirão vantagens para si mesmas (*Ensaio*, I, 2, 6. In: ABBAGNANO, p. 446).

Assim, quem age eticamente está se beneficiando como ser humano e se promovendo socialmente. Pouco tempo depois, Hume traz o questionamento acerca de como chegar ao fundamento da moral⁸, se por meio da razão ou do sentimento. Concluiu que *o fundamento da moral é a utilidade. [ou seja], é boa a ação que proporciona felicidade e satisfação à sociedade (...)* portanto, *razão e sentimento constituem igualmente a moral* (ABBAGNANO, 2007, p. 447).

⁸ Pertence à doutrina ética, mas também à conduta, pois está ligada a princípios próprios ao ser humano, sua família e ao meio em que está inserido.

Kant também se enquadra na segunda concepção. Para ele, o bem e o mal não são determinados antes da lei moral, mas depois e por meio dela. O homem é o único ser que precisa ser educado, assim, Kant transferiu o móvel da conduta do sentimento para a razão, garantindo a categoricidade da norma moral. Neste ponto, Kant enquadra-se na primeira concepção, pois possui a preocupação de enraizar a norma de conduta na racionalidade. Apesar disso, a razão da qual se refere é uma exigência para a ação segundo princípios que outras pessoas podem adotar. Assim, a existência de outros homens e a exigência do comportamento frente a eles embasado neste conhecimento é o princípio móvel da conduta.

Dewey (1859 – 1952), filósofo americano, vincula a ética à noção de valor. O termo “ético” deriva da palavra grega *ethos*, que tem o mesmo significado da palavra “moral”, do latim *mores*, ou seja, costumes. Assim, a partir deles surgiu a ética ou a moral, pois são uma maneira aceita, aprovada de agir pelo grupo em que se está inserido.

A fim de explicar o juízo moral, Dewey evidencia dois aspectos na vida moral, o primeiro é o *fim* para o qual a vida se dirige, que *implica pensamentos, sentimentos, ideais e motivos, avaliações e escolhas* (DEWEY, 1964, p. X), e o segundo versa sobre a conduta no cotidiano. A ética liga estes dois aspectos, articulando o que é dado pela sociedade e o que é intrínseco ao ser humano.

Ele propõe que há a possibilidade do controle lógico dos juízos morais, pois eles só existem após e mediante um outro juízo que já existe na realidade em que o ser está inserido. *Considera-se que o juízo é baseado não em fatos objetivos, mas em escolha ou vontade arbitrária, expressa num certo tipo de aprovação ou desaprovação* (DEWEY, 2009, p. 15). A formação ética, portanto, pode ocorrer, pois toda a sociedade possui normas de conduta aceitas ou não aceitas como base para a convivência, base esta que Dewey coloca como análoga à base das ciências exatas, e ainda salienta que experiências individuais são ligadas por elementos em comum, ou seja, generalidades que ocupam um espaço intermediário entre as experiências. Portanto, é verídico afirmar que é possível controlar logicamente o juízo moral frente a experiências individuais que possuem uma generalidade conectando-as.

A sociedade brasileira possui normas de conduta, como qualquer outra. Assim, enxergando a formação moral como possível e necessária, há, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), uma proposta de formação ética, com os principais componentes a serem desenvolvidos na conduta, como tema transversal às atividades curriculares formais.

A questão disparadora da formação ética proposta pelo PCN é “Como agir perante os outros?”, sendo inspirada pelos valores de equidade e igualdade. Presente nas relações interpessoais que ocorrem na instituição, nas disciplinas do currículo – pois nenhum conhecimento é neutro – e nos demais temas transversais propostos, a ética propicia a reflexão sobre as condutas humanas. Quatro eixos norteadores foram desenvolvidos para esse trabalho: Respeito Mútuo, Justiça, Diálogo e Solidariedade.

A princípio, é necessário traçar os objetivos da educação e, para que isso ocorra, o educador tem de conhecer o seu “objeto” de trabalho, ou seja, o homem.

Observando o dado-homem, notamos desde logo que ele se nos apresenta como um corpo, e por isso, existindo num meio que se define pelas coordenadas de espaço e tempo. Este meio condiciona-o em todas as suas manifestações (SAVIANI, 2002, p. 36).

O homem é situado culturalmente, meio que também o condiciona e, por ser inserido, aprende a valorizar a fonte da sua sobrevivência, ou seja, o meio ambiente. Na verdade já exerce ações éticas sem ter plena consciência disso, pois *valorizar é não ser indiferente*⁹. O ser humano atribui significados ao que lhe é apresentado, assim, toda a gama de elementos que compõem as situações, principalmente as de necessidades, são imbuídos de valor.

Os objetivos, assim, são o alvo da ação cujas prioridades são ditadas pelas situações em que o processo educativo ocorre. Saviani elenca quatro principais objetivos: educação para a subsistência, educação para a libertação, educação para a comunicação e educação para a transformação.

⁹ MORENTE, M. G. **Fundamentos de Filosofia**. In: SAVIANI, 2002, p. 36.

A educação para a subsistência consiste em ensinar o homem brasileiro a extrair de situações adversas os meios para a sobrevivência. A educação para a libertação visa a formação do cidadão ativo, que intervém nas situações assumindo responsabilidades e mirando as transformações. Mas, nada será válido sem a educação para a comunicação, pois por meio desta o ser humano capaz de conhecer limites e possibilidades. Por fim, os objetivos somente serão alcançados se educarmos para a transformação.

Assim, o preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética (FREIRE, 1996, p. 16). Esta retidão deve ser conduzida pelos eixos norteadores propostos no PCN, mas também por outros que são igualmente importantes e que fazem parte da construção do ser humano como ser transformador de sua realidade, um ser ativo e crítico.

O preparo, pois, dos professores nessa área da educação é necessária. Além de estudar o PCN como uma base para o trabalho com a ética, os professores podem entrar em contato com diferentes teóricos que discorrem sobre o assunto. Por exemplo, existem escolas em São Paulo que possuem um espaço de formação ética em sala de aula. Na escola pesquisada neste trabalho esse espaço é intitulado “Conselho de Cooperação”. Em outra escola com a mesma proposta educacional, o espaço para a mesma formação e com procedimentos extremamente similares é chamado do “Assembléia”. Nestes espaços, diversos são os assuntos discutidos com os alunos, como respeito, normas de conduta, combinados, resolução de conflitos e etc. É um espaço de reflexão sobre o cotidiano escolar e como melhorá-lo.

Entre os conflitos que mais assombam grande parte dos professores estão os limites e a questão da autoridade. Muitos profissionais não conseguem estabelecer essas relações com os alunos. Alguns acreditam que a autoridade é estabelecida por meio de pressões, medo e violência, mas, na verdade, respeitamos pessoas que admiramos, que nos apóiam, nos respeitam e nos provocam motivações.

A autoridade, por vir do cargo assumido, nem sempre é garantia de que efetivamente o aluno considere a autoridade como tal. As relações de limite estão intrinsecamente conectadas às de autoridade, pois seus limites são construídos nas relações e, de acordo com a percepção de que a criança está

pronta, pode-se afrouxar a linha e, quando necessário, segurar novamente, para que ela sinta a dinâmica dos limites e, assim, ir construindo uma relação de autoridade, respeito e paciência para com o educador e seus pares.

Educar uma criança, longe de ser apenas impor-lhe limites, é, antes de mais nada, ajudá-la cognitivamente e emocionalmente a transpô-los, ir além deles, pois “a criança não deseja nada além do que não ser mais criança” (TAILLE, 2008, p. 15).

A criança que tem tudo o que deseja sem esforço não aprende a valorizar as vivências, os momentos, as transformações, o meio ambiente e seus relacionamentos interpessoais. *O prazer imediato é primitivo; a busca do prazer, pelo esforço, é que tem valor e é própria do adulto (Idem, p. 17),* sendo que a introdução para atingir esse desenvolvimento está na infância.

Instruir o profissional para trabalhar a questão de autoridade, limites e a ética é um caminho que visa a melhora da conduta das crianças. Essa formação deve ocorrer continuamente, tanto com os educadores quanto com os educandos, pois a coerência é o pilar para o desenvolvimento das atividades éticas. Reuniões que tenham por tema a reflexão sobre como essa ação pode ocorrer, encaminhamentos e resultados é rica, além de propiciar a reflexão acerca do tema, a auto-reflexão sobre ações específicas, a autocrítica, o impulsionamento para melhorar e, acima de tudo, a valorização do profissional e do trabalho em grupo, pois diversas alternativas podem surgir quando mais de uma cabeça reflete sobre o mesmo tema.

O ato moral é um ato de religação: com o outro, com uma comunidade, com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana (MORIN, 2005, p. 29). Estamos vivendo um momento em que o distanciamento entre as pessoas é o valorizado, apesar de isso não ser positivo na formação do ser humano integral. A moralidade, a formação ética vem com o objetivo maior de restaurar essas ligações rompidas. Como Morin coloca, nosso universo é constituído por um tetragrama dialógico de interações entre ordem, desordem, interação e organização, temos por objetivo, assim, organizar a desordem por meio das interações e chegar a uma organização temporária.

Capítulo III

O Coordenador Pedagógico

No período de transição entre os séculos XIX e XX, o contexto mundial passou por grandes transformações: as Grandes Guerras, a Revolução Russa, os períodos de ditadura militar brasileira, o crescimento econômico, a evolução tecnológica, entre outras. Enquanto o mundo superava a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), investimentos econômicos externos foram realizados nos países subdesenvolvidos, iniciando o movimento da Escola Nova na Europa e EUA. A educação no Brasil era de caráter assistencialista, além de tradicional e de privilégio das camadas ditas superiores.

O ser humano era concebido com aptidões inatas e a educação tinha por objetivo ajustá-lo à sociedade. A escola reproduzia os valores que eram interessantes, cumprindo o papel de aparelho ideológico do Estado (AIE). O professor era o transmissor dos conteúdos, o aluno, um ser passivo e sem voz. O coordenador, neste período, trabalhava como apontador de aptidões, utilizando testes, direcionando os indivíduos às profissões que eram compatíveis com suas qualidades.

É neste contexto que os principais problemas da educação brasileira começam a ser discutidos: educação de qualidade, o acesso para todos, a formação de docentes e a educação inclusiva.

Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foi criada a ONU, um organismo que visa manter a paz mundial e defender os direitos humanos. O Brasil acabara de passar pelo período ditatorial, entrando no período da república populista, com governantes eleitos pelo povo. As multinacionais instalaram-se pelo país, contradizendo os princípios nacionalistas propagados na época. A proposta de crescer “50 anos em 5” provocou uma efervescência cultural que atingiu os demais setores da sociedade. No âmbito educacional, esse contexto refletiu na criação da 1ª LDB em 1961, além de provocar diversas discussões sobre a educação popular.

O ser humano continuou sendo concebido por aptidões e possuidor de uma história de vida. Ele ajusta-se à sociedade, que propõe a ideia do homem certo no lugar certo. O coordenador, frente a essa história de vida, auxilia o

aluno a descobrir a sua personalidade, caracterizando-a, a fim de que ele possa adequar-se ao ambiente. *Não há uma única profissão para cada indivíduo, mas há alguma diversidade de indivíduos para cada profissão* (BOOK, 2006, p. 46). O desenvolvimento vocacional se dá por meio de estágios, e a orientação profissional possui o efeito ideológico.

O Brasil passa por uma grande reviravolta e entra novamente num período de ditadura chamado de “anos de chumbo” (1960). Foi um período conturbado, muitas pessoas desapareceram, a cultura e todas as manifestações críticas eram contidas pela violência. As escolas eram vigiadas e foi implantada a matéria “Educação Moral e Cívica”. Por ser um AIE, a escola somente ensinava os valores que a ditadura desejava propagar. Todos os grêmios foram dissociados, inclusive a UNE, embora continuasse a agir clandestinamente.

O AI5 (1968) delegou todo o poder legislativo e executivo para o presidente da República, além de retirar todas as garantias individuais, públicas e privadas. Com a falta de vagas no mercado e a pressão dos estudantes, criou-se o vestibular classificatório.

O ensino tecnicista foi implantado com o objetivo de reproduzir o que ocorria na indústria, no capitalismo. Investir, portanto, na educação, era sinônimo de crescimento econômico. Assim, o governo militar fez alterações na LDB de 1961 e realizou o acordo MEC-USAID¹⁰, que dizia que o Brasil receberia assistência técnica e financeira para implantar a reforma.

A partir daí, desenvolveu-se uma reforma autoritária, vertical, domesticados, que visava a atrelar o sistema educacional ao modelo econômico dependente, imposto pela política norte-americana para a América Latina (ARANHA, 2006, p. 316).

A reforma possuía três pilares: educação e desenvolvimento, que visava a formação de profissionais para atender a demanda especializada da sociedade; educação e segurança, visando a formação do cidadão consciente;

¹⁰ Ministério de Educação e Cultura e a agência norte-americana Agency for International Development (USAID).

e a educação e comunidade, que tinha por objetivo a comunicação entre a escola e a comunidade por meio de reuniões com empresários.

Em 1971 ocorreu a reforma do 1º e 2º graus. Com a intencionalidade de “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania”¹¹, a obrigatoriedade passou a ser de oito anos, e não mais apenas quatro. Muitas matérias foram descartadas por sua vertente crítica, além de ser implantado o sistema de habilitações¹². Assim, o papel do coordenador passou a ser de atuar semanalmente nas salas de aula, coordenar atividades, debater temas de interesse e estimular a compreensão de fatos alheios.

Os prejuízos dessa reforma foram gigantescos: a extensão da obrigatoriedade do ensino básico não ocorreu por falta de recursos materiais e humanos; a profissionalização não se efetivou, também por falta de profissionais especializados; a mudança curricular criou indivíduos sem senso crítico, pois, além de reproduzir a ideologia ditatorial, diminuiu a carga horária de outras matérias, chegando a excluir algumas alegando “falta de tempo”.

No início da década de 80 o regime enfraqueceu, iniciando o processo lento de democratização. A sociedade civil, aos poucos, foi recuperando seus espaços de atuação perdidos. Já era claro, no âmbito educacional, o fracasso na implantação da LDB, e uma nova lei retirava a obrigatoriedade da profissionalização, voltando o ensino para a formação geral.

Em 1985 o país teve seu primeiro governo civil pós-ditadura. Aos poucos, os partidos políticos re-surgiram. Nesse período, o indivíduo é autônomo, pode ou não ser crítico, se modifica com tempo, adquire habilidades, muda de interesses e transforma suas características pessoais. Alguns podem usufruir o direito à escolha, outros não.

O coordenador, frente a esse indivíduo, prepara-o para a “revolução social”. Ajuda-o a refletir e encontrar o caminho no mundo, conscientizando-o, assim, para a superação do modo de produção autoritário, injusto e explorador.

¹¹ Artigo 1º da Lei nº 5.692/71.

¹² Ensino técnico voltado para as opções que mais condiziam com a região em questão.

A grande tarefa da escola, portanto, é a conscientização. O professor é o educador que conduz e direciona o processo de ensino-aprendizagem, o aluno é uma pessoa concreta e objetiva que determina e é determinado pelo contexto histórico, social, econômico e político.

A partir de 1990 o indivíduo já é considerado ativo, social e histórico, autor de sua individualidade. A sociedade acolhe a escola e interfere na medida em que há diretrizes sociais, históricas, políticas, econômicas e culturais co-habitando num movimento dialético.

Os processos educativos não são apenas implantados num determinado espaço – a escola; estão necessariamente envolvidos com o contexto cultural que a cerca (GRINSPUN, 2005, p. 23).

A sociedade espera um cidadão crítico, ativo, que determine sua própria história, que seja patriota e que tenha um mínimo de conhecimentos culturais, além dos gerais. Cabe ao coordenador articular essa demanda externa à instituição a que faz parte, levando em consideração os recursos existentes e o contexto, e que o sujeito é inteiro, assim, os professores destes sujeitos terão se ser eticamente inteiros, bem formados a fim de construir cidadãos igualmente íntegros.

Além de conscientizadora e incentivadora de debates, a escola é o local onde o indivíduo tem a sua primeira relação como cidadão componente de uma organização. Dentro desta organização é possível vivenciar os temas transversais, que podem perpassar explicitamente conteúdos, embora já estejam presentes em todas as ações, conscientes e inconscientes, do ser humano. É função da escola tal aproximação de conhecimentos e valores.

O papel do coordenador, no decorrer histórico, passou por diversas transformações. Possui três dimensões principais: pedagógica, relacional e política.

A *dimensão pedagógica* enfoca sua função de evidenciar e articular os aspectos entre cultura e escola, a fim de garantir o movimento dialético que existe *a priori* na sociedade. Também evidencia seu compromisso com o Projeto Político Pedagógico (PPP) na instituição escolar, que deve ser

modificado, articulado, debatido e reconstruído, com a finalidade de adequar a proposta da escola e a realidade existente. Esse é um compromisso que o coordenador tem com ambas partes, pois ao mesmo tempo em que se preocupa com o cidadão em formação, está atento ao movimento para acompanhá-lo e criticá-lo. *Por ser espaço coletivo [o PPP], é um espaço político no contexto do qual ocorrem as pressões e contrapressões que fazem parte da realidade social (GONÇALVES, 1998, p. 25).*

Sua *dimensão relacional* consiste na interação, na forma de liderança e ética que permeia todo o percurso humano. Fortalece os vínculos e estimula a relação professor-professor. Por ser uma figura que representa as crenças colocadas no PPP, é uma referência ética. O coordenador tem que exalar a essência daquilo que o grupo acredita, de forma mais íntegra possível, articulando os diferentes movimentos e visando sempre o trabalho harmônico. É dessa dimensão que o foco deste trabalho emergiu, como será visto logo mais.

Por fim, sua *dimensão política* é expressa pelo compromisso com a sociedade e a educação, tendo em vista que é o profissional que organiza o processo, inicia discussões, media alguns conflitos, documenta e fundamenta teoricamente as decisões, trazendo a vertente social e o seu compromisso como educador.

Portanto, o coordenador observa o andamento das atividades, analisa a coerência entre os planos de aula e o PPP e, juntamente com os professores, avalia se há algo que precisa ser mudado na rotina geral da escola. Constrói coletivamente o PPP, mantém a coesão do grupo, registra os processos pedagógicos e sabe delegar funções. Desenvolve estratégias de sensibilização, promove a formação continuada, realiza encontros com professores para atualização diante das avaliações externas e realiza atendimentos individuais e coletivos para dialogar sobre rotinas, além de identificar as demandas da escola e contribuir para a cultura organizacional.

Lista as necessidades físicas da escola. Identifica desejos da comunidade, viabilizando-os, quando possível, e integra-os à comunidade

educacional. Acompanha os progressos dos alunos, ajuda nas reuniões de pais e atualiza-se constantemente, conhece o currículo dos professores.¹³

Além disso, é responsabilidade do coordenador a avaliação.

¹³ Anotações coletivas de aula do dia 25/09/09, cuja disciplina é *Avaliação e Medidas Educacionais*.

Capítulo IV

Metodologia

Esta pesquisa de caráter qualitativo teve por objetivo observar e analisar o conselho de cooperação como um espaço de formação ética e moral de alunos, suscitando a importância dos valores cotidianos em uma escola particular; bem como observar e analisar o modo como os profissionais trabalharam com este instrumento e como foram formados para tal. A pergunta orientadora do estudo foi: o espaço do conselho de cooperação destina-se à formação ética?

A partir da vivência no 1º e 2º ano do ensino fundamental desta prática, pude observar os procedimentos e os encaminhamentos das professoras durante o ano de 2009. Trago, em anexo, as pautas dos conselhos que participei a fim de ter o registro oficial do que fora discutido.

Portanto, esta pesquisa também se caracteriza como pesquisa – ação, pois como professora auxiliar de ambas salas, 1º e 2º ano, pude intervir visando a modificação de alguns padrões de conduta dos alunos, como a agressividade em brincadeiras, barulho demasiado durante explicações, conduta com os colegas e etc.

Visando compreender qual é o objetivo da escola com relação aos profissionais no trabalho com o conselho, conceituei o conselho com base em no documento da escola, que aborda os objetivos, funções, procedimentos e expectativas da escola com relação ao trabalho.

Além da observação e intervenção, esta pesquisa também é de caráter bibliográfico, pois elucida alguns conceitos importantes da formação continuada, baseados em teóricos da educação, e também traz a questão ética como necessária a esta formação continuada em serviço.

Portanto, os instrumentos de pesquisa foram: observação, participação em reuniões, leitura de documentos e consulta bibliográfica.

Em última instância, proponho um plano de ação à luz dos teóricos elucidados nesta pesquisa, com o objetivo de formar professores para o trabalho com a ética, especificamente.

Capítulo V

Dados de campo

A seguir, os dados coletados em campo referentes ao espaço de formação de valores de alunos no ensino fundamental 1 e sua respectiva análise.

A. Dados Documentais

1 Identificação da instituição

A escola pesquisada é particular e localiza-se no bairro de Higienópolis. Iniciou suas atividades em fevereiro de 1980, oferecendo uma proposta educacional destinada a atender crianças da faixa pré-escolar. Ao longo do tempo, ampliou sua atuação educacional e hoje atende da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

De acordo com o site, a escola, desde sua fundação, realiza um trabalho que reflete as tradições e as mudanças da sociedade. Nesse caminho, a escola garante a formação científica, social, lingüística e artística de seus alunos. Ao lançar um olhar amplo para a realidade sociocultural, procura auxiliar seus alunos a encontrar os princípios éticos individuais e coletivos e a desenvolver suas potencialidades para formar sujeitos inteligentes e atuantes, conscientes dos avanços da tecnologia, da riqueza da cultura e da problemática socioeconômica. A escola realiza atividades extracurriculares que estimulam a comunidade a entrar no espaço educativo.

Atende ao público local, classe média – alta e alta, que frequenta cinemas, teatros, parques, realiza viagens nacionais e internacionais. Possui, em média, quinhentos alunos na faixa etária de 1 a 12 anos, vinte e dois professores, sete auxiliares de sala, três orientadoras, sendo uma para cada ciclo, uma coordenadora, uma diretora, dois professores de artes, sete faxineiras, quatro auxiliares de cozinha, uma nutricionista, dois porteiros, um segurança, três inspetores, duas secretárias e um administrador.

2 Prédio Escolar

A escola pesquisada possui duas unidades, uma para educação infantil e ensino fundamental I e outra para o ensino fundamental II. A Unidade 1, onde foram coletados os dados, compreende a educação infantil e o ensino fundamental I.

Possui onze salas de aula equipadas com armários, lousa, nº de carteiras correspondente ao número de alunos, com o tamanho adequado à idade. A sala do 2º ano foi escolhida para a experiência da lousa digital como recurso didático. A sala de artes é ampla, inclui uma sala para estoque, duas pias e três mesas grandes, dois quadros de 2mX2m para pintura, espaço físico para que os trabalhos sequem e é equipada com diversos tipos de materiais.

Os banheiros são adequados ao tamanho dos alunos, sendo um para os alunos pequenos, dois para os maiores e um para os profissionais, um vestuário para faxineiros, uma cozinha, um refeitório, uma mini-cozinha, um almoxarifado, duas quadras (uma coberta e outra descoberta), uma biblioteca para os alunos do ensino fundamental 1 e uma biblioteca adequada para os alunos menores, um espaço de faz de conta amplo, um auditório com capacidade para setenta pessoas, uma sala de informática com dez computadores, uma sala de professores com seis computadores, uma pequena gráfica.

A secretaria é um espaço reservado apenas para os profissionais e pais, possui um banheiro masculino e um feminino, uma loja de uniformes, uma sala de administração e uma sala de direção. Na parte pedagógica, possui uma pequena sala de reuniões, uma sala de coordenação e uma sala de orientação. O parque é amplo, possui banco de areia, três brinquedos grandes, um pequeno, espaços para jogar bola e brinquedos avulsos.

A escola é equipada para incêndios, possui extintores estrategicamente posicionados, alarmes e rotas de fuga de fácil acesso. Possui dois portões de entrada, um com uma pequena recepção com bancos e o outro, destinado à entrada e saída de materiais usados na escola.

3 Estrutura administrativa e social, organização e funcionamento

Os contratos de trabalho são renovados anualmente. Pode-se trabalhar no período matutino ou vespertino, com exceção dos professores especialistas, porteiros, inspetores, faxineiros e auxiliares de cozinha, que trabalham em ambos períodos. Os serviços da cozinha são terceirizados.

Cada professor tem a função de planejar, ministrar e avaliar aulas de acordo com a proposta da escola, participar de eventos da instituição e divulgar a proposta da escola, em especial nas reuniões de pais. Além disso, deve ser uma pessoa calorosa, comunicativa, atenta aos outros e as nuances da interação social; ser bom modelo de comunicador oral dos alunos; ser leitor e escritos de todos os tipos de textos, saber o prazer que provoca a linguagem escrita e as dificuldades que devem ser ultrapassadas para usá-la com eficiência. Como cidadão deve valorizar sua identidade pessoal; ser um profissional que se sente responsável por respeitar, guardar, valorizar as diversas experiências da cultura de sua comunidade e de outras, contribuindo, portanto, para o desenvolvimento e transformação desta; ser pessoa capaz de suscitar ou gerenciar projetos sociais que envolvam as comunidades próximas e distantes.

Assim como o professor, o orientador e os coordenadores possuem as mesmas atribuições quanto à educação, pois se atentam aos procedimentos dos professores, fornecendo o embasamento teórico em reuniões semanais individuais, além de uma reunião semanal com todos os professores. São funções do coordenador supervisionar o trabalho, conferir se há coerência com a proposta da escola, sugerir atividades nos projetos, a fim de qualificar o trabalho da instituição e lidar com as situações imprevistas do cotidiano.

Os conselhos de classe ocorrem semestralmente para discutir assuntos da escola e casos de alunos específicos e são ministrados pelo coordenador. No espaço do conselho de cooperação é decidido, com os alunos, as regras da sala, sempre em concordância com as normas da escola que estão na agenda. Há um espaço para a recepção dos alunos que chegam adiantados na escola, onde um profissional propõe brincadeiras e atividades. O mesmo ocorre com os alunos dos quais os pais atrasam-se na hora da saída.

4 Planejamento escolar

A escola é construtivista e tem o projeto didático como principal recurso de planejamento, reflexão, sistematização e registro histórico de sua prática. O projeto didático é um conjunto de ações pedagógicas que se desenvolvem com determinada finalidade em torno de realizar, pesquisar e aprender em grupo. Tal instrumento expressa a intervenção em sala de aula. Explicita como se entende o ato de ensinar e aprender para assegurar ao aluno a vivência de situações cooperativas de aprendizagem, significativas tanto para o professor como para alunos. Vivências que lhe permitem tornar-se agente cultural e ultrapassar suas próprias experiências pela aquisição organizada de conhecimentos em espaço coletivo. Ensino e aprendizagem que acontecem em torno de problemática resolvida principalmente a partir da busca e tratamento de informação, bem como da interação cognitiva e social.

Cada ano possui seus projetos criados por áreas de conhecimento: Língua Portuguesa (textos literários, textos não literários e regras da língua), Matemática (geral e geometria), História, Geografia e Ciências. Assim, há uma seqüência lógica que interliga o trimestre e que é apresentado no início deste para os alunos. O mural deve conter os principais assuntos que estão sendo estudados e, ao trocar de assunto, os cartazes devem ir para o varal, onde os conteúdos já estudados ficam ao alcance dos alunos, para estes possam revisitá-lo.

A avaliação pode ser somativa, ou seja, não é atribuída uma nota, apenas serve para constatar como estão os conhecimentos do aluno na área, ou pode ser formal, à qual é atribuída uma nota. Ocorrem também avaliações de postura e participação.

Por ter seus fundamentos em métodos franceses, a escola tem festividades como a comemoração do ano da França no Brasil, apresentações de músicas em francês, encontros aos sábados com exposições de trabalhos dos alunos, comemorações do dia das crianças, entre outras. Além disso, possui um jornal interno produzido pelos alunos mensalmente.

5 O Conselho de Cooperação

O conselho de cooperação ocorre a partir do 1º ano do Ensino Fundamental na forma de conselho da classe e conselho da escola. O conselho da classe acontece semanalmente em uma reunião dos alunos da classe com seu professor (1º ao 5º ano) ou seu orientador (6º ao 9º ano). O conselho da escola ocorre trimestralmente, em uma reunião com os representantes das classes, coordenada por um orientador. A duração dessas reuniões é de quinze a trinta minutos. Tais encontros, nos quais os participantes se colocam em círculo ou de maneira que todos se visualizem para facilitar a comunicação entre todos, têm como principal objetivo a discussão da vida na escola, ou seja:

- as relações interpessoais,
- a postura de trabalho (concentração, responsabilidades, empenho, etc.)
- e os projetos da escola e da classe.

Por meio da participação no Conselho, os alunos têm a palavra para refletir sobre suas ações e as dos outros em relação aos valores da escola, a participação nas decisões e avaliação de sua aprendizagem, além de poderem sugerir novos caminhos para melhorar o trabalho e a vida social na escola. Assim aprendem e exercitam inúmeras competências como discursar, argumentar, prever, planejar, organizar...Nesse momento, cada um lida com os aspectos íntimos de sua personalidade, avalia suas ações e reconhece as diferenças pessoais.

A dinâmica do conselho propicia o crescimento pessoal no coletivo e leva as pessoas a reconhecerem que o grupo é uma unidade específica que muitas vezes frustra interesses individuais, sem que o indivíduo seja sacrificado. O conselho é um momento de reconhecimento e aceitação dos valores de liberdade, respeito ao outro e responsabilidade assumidos pela escola, é um espaço que possibilita resolver problemas através de reflexões e tratar conflitos próprios à vida.

É fundamental que o educador, ao presidir o conselho, transmita os valores que a escola quer formar, clareando constantemente a proposta da

escola quanto à esta formação, ou seja, integrar valores e normas ao cotidiano escolar, retirando-os apenas do discurso falado e escrito. Na prática do dia-a-dia, por exemplo, quando um aluno não cuida de seu caderno, busca-se uma ação que revele o valor pelo cuidado com o material pessoal. Considerar a diferença entre necessidade, sentimento e valor auxilia o educador a lidar com tais questões no conselho.

As necessidades satisfeitas ou não causam sentimentos nas pessoas. Os sentimentos simplesmente existem, nossa ação ocorre no modo como são expressos, tomando por base os valores da instituição.

Para viver o conselho, salienta-se que o educador deve possuir certas crenças, tais como: a) Os alunos em conjunto conseguem encontrar soluções para os problemas; b) Os alunos incorporam valores por meio de vivências de situações que permitem sua aplicação; c) A vida em grupo provoca freqüentemente conflitos, devemos aprender a tratá-los e não proibi-los ou escondê-los; d) Pode-se compartilhar o poder com os alunos, mediante limites claros, para aprenderem gradativamente a exercê-lo; e) Crianças e adolescentes precisam de limites claros e objetivos; f) Os valores assumidos pela escola só existem se forem por todos exercitados, assim, cabe ao educador auxiliar os alunos a colocá-los em prática.

B. Dados de Observação

1. Análise das pautas do Conselho de Cooperação

Encontra-se no anexo 1 o conjunto de pautas dos conselhos realizados no ano de 2009 dos quais participei, referentes ao 1º e 2º anos do ensino fundamental I, cujo teor foi analisado e confrontado com os dados de observação.

1º ano

Esta sala possui uma característica própria com relação ao espaço do conselho: todo assunto, trazido por eles ou pela professora, é discutido, as

conclusões coletivas são registradas pela professora e os alunos assinam a pauta, firmando o compromisso com os combinados realizados no dia em questão. O caderno em que são anotadas as pautas fica à disposição dos alunos para consultarem e reverem os acordos.

Na primeira reunião foram explicadas as regras e funções do conselho e houve a votação para algumas funções, como representante de sala, secretário e etc, remetendo-nos ao valor da cidadania. Na reunião do dia 04/05 foi trabalhado o respeito pelos colegas. A discussão foi norteadada por uma situação conflito ocorrida na semana anterior onde houve desrespeito com um colega da sala.

Nos dias 11 e 18/05 foram trabalhadas a autonomia e a responsabilidade com relação à organização do material, limpeza e à conduta valorativa quanto a este. A discussão surgiu, pois os cadernos estavam muito sujos e amassados, e alguns livros da biblioteca da escola estavam sendo abandonados na sala. As soluções que levaram à autonomia e à responsabilidade quanto ao cuidado com o material pessoal e coletivo foram propostas pelos alunos.

No dia 25/05 foram retomadas as funções dos ajudantes de sala, alguns combinados foram revistos e modificados. Foram trabalhadas a divisão de tarefas e a responsabilidade do cargo assumido. No dia 01/06 revisitamos a responsabilidade com o tema “como devemos deixar a sala de aula e outros lugares”, visto que muitas crianças estavam esquecendo materiais, livros, lancheiras e a sala ficava excessivamente suja e bagunçada.

Frente à realidade de que não houve melhora com relação à responsabilidade, nos dias 8 e 15/06 retomamos o cuidado, o prezar com os pertences próprios, a organização da sala e dos materiais e as responsabilidades como alunos. Os alunos comprometeram-se em melhorar e pude observar, no decorrer deste semestre, que as gavetas estão mais organizadas, assim como a sala no âmbito geral.

Infelizmente não pude participar das reuniões do segundo semestre devido a outras atividades no mesmo horário, mas soube que as reuniões tiveram como principal tema o coleguismo e as relações que estabelecem com

as demais crianças da escola. Não tive acesso aos demais registros, pois o caderno sumiu da sala e não sabemos o que ocorreu.

2º ano

Os procedimentos desta sala são os seguintes: os temas são propostos pelos alunos em um caderno afixado no mural ou são propostos pelas professoras. A discussão ocorre e, em alguns momentos, livros de contos infantis são usados para mediar as situações, além de registros individuais.

O conselho foi iniciado com uma situação problema, pois os alunos já sabem, no 2º ano, quais as regras deste espaço. Acredito que isto poderia ter sido retomado, mas devido aos acontecimentos no pátio, não foi feito. Discutimos sobre as brincadeiras que estavam ocorrendo no pátio, a conduta de algumas crianças e as soluções violentas dadas a estes conflitos. Trabalhamos com o respeito, regras e as diferentes formas de se divertir. Foi combinado que a brincadeira pega-pega ficaria suspensa até que os alunos tivessem maturidade para brincar. Essa decisão foi imposta pela professora devido ao comportamento da maioria dos alunos, embora esta solução não seja a mais adequada para este espaço.

No encontro do dia 02/03 discutimos sobre o compromisso com a aprendizagem e o respeito com quem tem a palavra para falar, devido às conversas paralelas constantes. Foi combinado que cada um cuidaria do seu silêncio e que haveria um esforço maior no foco para o trabalho. Outros encontros ocorrerão com esta mesma temática.

Por duas semanas não houve tempo para o conselho, pois o espaço foi utilizado para a produção final de alguns trabalhos. Ao retornarmos no dia 23/03, foi lida uma história sobre barulho e foi pedido que eles registrassem individualmente qual seria a solução que o personagem da história poderia sugerir para o problema. Frente às respostas, é translúcido que eles sabem que quando há um problema, a forma correta resolve-lo é conversar e tentar fazer um acordo. Alguns alunos apresentaram a agressividade como forma de solução, reportando a importância do resgate do tema. Acredito que esta questão pudesse ter sido direcionada de outra forma, pois os registros indicam

que eles compreenderam a situação na história, mas não a trouxeram para a realidade da sala de aula e, ainda, não houve retorno sobre as respostas ou algum acordo claro a respeito.

No transcorrer da semana, a situação não mudou e os problemas com barulho e conversas paralelas acentuou-se de tal forma que retomamos os temas no conselho do dia 30/03 e fizemos questionamentos sobre o comportamento individual com registro. As produções revelaram que eles sabem o que não devem fazer, mas não está claro o que podem fazer. Muitos foram honestos e revelaram se comportaram de maneira indevida conscientemente, mas não possuem o autocontrole. Responder questões por escrito é uma boa forma de refletir sobre a conduta, visualizar o que se faz e repensar suas ações, mas, igualmente à semana anterior, não houve retorno da produção para os alunos nem combinados, o que está em discordância com a proposta do espaço do conselho de cooperação, pois repensar e discutir a vida na escola envolve o processo de análise e devolutiva para os alunos.

Percebemos na discussão que não havia um motivo claro sobre o por quê de estarem na escola, portanto, este foi o tema do conselho do dia 06/04. As respostas indicam que eles sabem o que vêm fazer na escola mas não sabem o por quê de estarem na escola, é perceptiva a falta de interesse e vontade, a escola é vista como obrigação e não como um lugar de aprendizado prazeroso.

Por estarmos concluindo o trimestre, os dois conselhos seguintes foram usados para a conclusão das avaliações. Houve o feriado de Tiradentes e, nas duas semanas sucessoras, não houve conselho, totalizando cinco semanas sem as discussões acerca de temas importantes da vida escolar. Neste período, por estarem sob o estresse da conclusão do trimestre, ficaram inertes e somente agitavam-se em situações fora da classe.

Retomamos o conselho no dia 25/05, cujo tema foi a organização na escola. Ocorreram as votações para os cargos de ajudantes, representantes e organizadores, sendo este um momento de vivência da cidadania, além de desenvolverem a responsabilidade por assumir um cargo com funções específicas e a autonomia.

No dia 01/06 foi retomada a pauta anterior sobre a organização da sala e o que poderiam melhorar na conduta. Além disso, houve um conflito na hora do pátio com crianças maiores e agressivas. Trabalhamos a ponderação da hora em que se deve chamar um adulto para ajudar a resolver um problema.

O próximo conselho, dia 08/06, teve como tema os medos e as coragens. Lemos um livro e pedimos que cada um falasse um medo e algo que foi superado. Trabalhamos a paciência de esperar cada um falar e o respeito com os medos dos colegas.

Conceituamos a postura de estudante no dia 15/06. Listamos ações que compõem a postura e registramos no caderno e no mural. Na semana seguinte tivemos um evento cultural da escola, não houve conselho.

Na última semana de aulas do semestre, fizemos uma avaliação do grupo com relação à organização: o que melhoraram e o que deve ser melhorado. Foi feito um levantamento de ambos tópicos e concluímos que há aspectos modificáveis e que se melhorarem a coesão do grupo, tudo ficará mais fácil.

Após as férias prolongadas devido à gripe A, o grupo estava mais descansado, coeso e disposto a modificar os aspectos listados em junho. O primeiro encontro ocorreu no dia 17/08 e foram discutidos os sintomas da gripe, sua transmissão e o que seria feito para a prevenção.

Logo em seguida, no dia 24/08, houve uma retomada das condutas em sala de aula listadas no semestre anterior. Eles já se apresentavam mais tranquilos e silenciosos.

Na semana posterior tivemos algumas ocorrências de violência no grupo, em especial de um aluno. No conselho discutimos sobre as divergências do grupo com o aluno em questão e o que poderia ser feito para melhorar a relação entre ambas partes. O grupo e o aluno fizeram proposições sobre a possível solução. Trabalhamos com a tolerância, paciência e coleguismo.

A semana que se sucedeu a esta foi a do feriado da Independência. Neste intervalo, a agressividade permaneceu no grupo: ocorreram alguns furtos e agressões verbais e físicas. Retomamos as posturas de estudante e de ser humano. Além disso, trabalhamos o respeito com o que não é nosso e os

limites de cada um. Combinamos que alguns brinquedos serão proibidos e que tudo que trouxerem para a escola deverá ter o nome. Faltaram combinados sobre a convivência, embora já existam, é claro que não estão interiorizados nas condutas.

Outro evento cultural da escola, referente à música, aproximava-se, e algumas crianças não queriam participar da apresentação. O conselho do dia 21/09 foi sobre o respeito ao professor de música e a parceria na hora dos ensaios, onde cada um deveria ajudar o colega que estivesse inquieto. Na semana seguinte, usamos o espaço do conselho para ensaiar a coreografia e as músicas para a apresentação, além de termos retomado a questão dos brinquedos que podem ou não ser trazidos para a escola.

Na reunião do dia 05/10 conversamos sobre o aprendizado: como estavam agindo para melhorar esse processo e o que poderiam fazer para aprender mais. Cada aluno deveria responder individualmente por escrito cada uma das provocações, embora, novamente, não houvesse um retorno concreto para a reflexão do cotidiano. Ficou comprovado que, frente às respostas, eles possuem um significado claro sobre o que é aprendizagem, alguns sabem o que fazem que prejudica o processo – “Não fazer barulhos com a boca, não brincar durante a aula, não fazer gracinhas” –, mas não querem assumir a responsabilidade da própria aprendizagem – “não posso fazer nada”.

Na semana seguinte não houve conselho devido ao feriado de Nossa Sra. Aparecida. Retomamos no dia 19/10 o significado dos sinais luminosos para pararem de falar e fizemos a leitura do Hino Nacional, com a explicação de alguns trechos, remetendo-nos ao patriotismo.

Retomamos os sintomas e os meios de transmissão da gripe A, visto que muitos alunos estavam emprestando materiais. Logo na semana seguinte, houve o feriado dos finados.

No dia 09/11 conversamos sobre os diferentes pontos de vista. Fizemos uma dinâmica e, em seguida, lemos uma história com a situação da dinâmica. Os alunos identificaram facilmente o que estávamos querendo trabalhar, ou seja, o trabalho em grupo, o respeito com o diferente e como se deve agir com

um amigo. Combinamos que eles se esforçarão mais para tentar se colocar no lugar do outro e enxergar o outro ponto de vista.

As condutas forma retomadas no conselho do dia 16/11, assim como os diferentes pontos de vista. Depois desta reunião, os alunos melhoraram qualitativamente com relação à resolução de conflitos, à autonomia e à responsabilidade.

2. Conclusões

À luz das propostas da escola, é conclusivo que ambos anos trabalharam as relações interpessoais, ao discutirem um caso em específico, como no 2º ano, ou no âmbito geral, como no 1º, e a postura de trabalho, com temas e questionamentos individuais e coletivos. No 2º ano houve uma discussão neste espaço sobre um projeto da escola. Já no 1º ano as discussões acerca do tema ocorreram em momentos alheios a este.

Não é possível dizer se os alunos interiorizaram todos os valores trabalhados, mas posso relatar que houve uma melhora significativa quanto ao relacionamento e à buscar soluções autônoma e prudentemente.

Somente o 2º ano discutiu sobre o que é o ato de cooperar e qual a função do espaço do Conselho de Cooperação, assim como montou um mural com os principais combinados e um caderno onde os alunos podem escrever suas sugestões. Ainda nesta sala sugeri alguns livros infantis para serem trabalhados, a fim de direcionar o trabalho. Os resultados estão aparecendo no início de dezembro, com a maturidade de interpretação, participação e compreensão do objetivo do espaço.

Acredito que o processo de interiorização de valores ocorre de forma lenta e gradual. Assim sendo, é verídico afirmar que muitos alunos progrediram na trilha da valoração. Alguns ainda apresentam atitudes imaturas – o que é normal devido à faixa etária – que já foram trabalhadas no espaço.

De maneira geral, o trabalho neste espaço está sendo bem encaminhado, embora mediante conversas informais pude constatar a falta de

fundamentos teóricos para o trabalho valorativo. Com base nesse dado, construí uma proposta de ação que envolve tais aspectos.

Capítulo VI

Proposta de Ação

1. Retomada do tema e justificativa

A partir do levantamento teórico realizado nesta pesquisa, pude verificar que a ação do coordenador como formador e referência é fundamental para os profissionais que atuam nas instituições escolares, não só por sua experiência em sala de aula e seus conhecimentos organizacionais, mas por sua preocupação na coerência do trabalho pedagógico como formação do ser humano integral.

Este trabalho teve por objetivo elucidar o papel de formador do coordenador, a ética como eixo deste trabalho com os profissionais da instituição e como trabalhar a questão valorativa com os alunos. Por meio de uma revisão bibliográfica, pude traçar um breve histórico acerca de duas vertentes da ética, seguindo os autores trazidos no referencial teórico geral, além do embasamento sobre a formação continuada em serviço, sendo este um dos trabalhos desenvolvidos pelo coordenador.

A partir de observações realizadas ao longo do ano na escola em que trabalho e a análise dos registros dos conselhos de cooperação, notei que o um dos problemas dos profissionais é lidar com a formação valorativa explícita dos alunos neste espaço, ou seja, nomear valores, trazer histórias como recurso, frases ou jogos cooperativos. Também notei que alguns professores que trabalham há mais tempo na escola lidam melhor com o conselho, propõem dinâmicas diferentes e direcionam este trabalho, embora esta busca tenha sido pessoal, construída nos anos de experiência e não relatada neste trabalho¹⁴.

Por meio de reuniões pedagógicas semanais organizadas em três módulos, a princípio, proponho um trabalho de sensibilização, de fundamentação teórica e vivências para que estes profissionais tenham o embasamento teórico-prático acerca do tema, assim como a sensibilidade para

¹⁴ Estes profissionais trabalham com 4º e 5º anos. Tive acesso aos registros, mas relatá-los neste trabalho fugiria à proposta.

lidar com os conflitos. O autoconhecimento, além de eterno, faz-se muito importante nesta instância, pois nos modificamos sempre e temos que persistir na coerência e nos valores internos.

As reuniões, portanto, são um norte para o trabalho com os valores. Nelas, proponho objetivos, estratégias, encaminhamentos e a avaliação das atividades, com a possibilidade de mudança, se houver algum tema proposto pelos professores e que seja pertinente ao assunto. Caso contrário, tal assunto poderá ser tratado em outro módulo que o coordenador poderá propor.

O espaço de formação continuada com os professores é muito rico, traz problemas do cotidiano da escola, promove reflexões acerca da realidade e a possibilidade da mudança do PPP a fim de garantir a educação para o ser integral. Portanto, é um espaço que deve ser aproveitado para tais reflexões que levarão os profissionais à reflexão e re-construção interna e externa.

2. Objetivos

Fomentar a importância do trabalho com ética, sensibilizar os profissionais e instrumentalizá-los para que isso ocorra, refletindo soluções e, a partir de situações reais, criar um espaço verdadeiro de formação valorativa.

3. Encaminhamentos (procedimentos e conteúdos)

Este plano de formação continuada é dividido em três módulos, os dois primeiros com cinco encontros e o último, com quatro. As reuniões ocorrerão na instituição escolar às quartas-feiras. O primeiro módulo diz respeito à sensibilização dos profissionais, assim como a constituição do grupo dos educadores. Este módulo tem por objetivo integrar o grupo, sensibilizá-los para o trabalho com ética e introduzir o tema. O segundo módulo versa sobre a ética no contexto geral e os fundamentos teóricos. Tem por objetivo aprofundar os conhecimentos acerca da ética no âmbito geral. O terceiro módulo será sobre a vivência da ética em situações escolares, com o objetivo de instruir os profissionais a trabalhar valores em sala de aula e resolver conflitos.

4. Avaliação

A avaliação ocorrerá continuamente, ou seja, ao final dos encontros, haverá uma avaliação sobre o método que está sendo utilizado, se a proposta está surtindo efeito na prática educativa e se há algum aspecto a ser alterado. Com o intuito de instrumentalizá-los, será pedido que façam alguns planos de aula com uma proposta específica, algumas reflexões, discussões em grupos e produções em grupos.

No último encontro, será feita uma avaliação do processo como um todo, com a finalidade de fornecer instrumentos para que o coordenador possa planejar a próxima proposta de ação, tendo por embasamento as necessidades trazidas pelos profissionais.

5. Plano de ação: “Formação continuada em serviço: a ética como eixo norteador”

1º módulo: Sensibilização

1ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Conhecer o grupo; apresentar os módulos de trabalho.

Estratégias: Dinâmica da teia; projetar os módulos em uma apresentação de PowerPoint e avaliar a seqüência proposta.

Recursos: Novelo de lã, projetor, computador, sala com espaço para todos ficarem em um círculo.

Avaliação: O coordenador deverá, a partir do que cada professor disser, iniciar sua observação sobre as atitudes e papéis que cada um assume no grupo.

Iniciar a reunião explicando que esta terá dois momentos, o primeiro será a dinâmica da teia e o segundo, de conhecimento e avaliação da proposta das reuniões. Então, formar uma roda com os profissionais em pé. O coordenador começará falando uma coisa que gosta de fazer e outra que não gosta e jogar o novelo para outro profissional, sem deixar escapar o fio de sua mão. A cada profissional, irá formando-se uma teia de lã que os conectará.

Quando todos já tiverem falado, o coordenador tentará mexer a linha que está na sua mão, e falar que se ele mexer, todas as linhas mexerão também, e deverá perguntar qual a relação com o trabalho deles. A relação é que tudo está interligado, todas as ações de todos influenciam o trabalho, assim como os valores que permeiam o cotidiano.

Após a dinâmica, todos poderão sentar e serão apresentados os módulos de trabalho, com uma breve explicação. Será aberto um espaço para sugestões.

2ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Sensibilizar os profissionais para o trabalho em equipe; introduzir o jogo cooperativo.

Estratégias: Jogo cooperativo do lençol com penas e bolinhas de gude; discussão em pequenos grupos e no grupo grande.

Recursos: Dois lençóis, duas penas, quatro bolinhas de gude.

Avaliação: O coordenador deverá observar a participação dos componentes e a interação com o grupo.

Iniciar a reunião explicando o que é um jogo cooperativo e dar exemplos e referências bibliográficas. Após a explicação, formar dois grupos, cada um receberá um lençol que deverá ser segurado pelas pontas, com a mão oposta à que escreve, pelos profissionais e deverá ficar esticado. A proposta é que eles levem o lençol até outra ponta da sala, sem deixar que ele “entorte”. Depois de uma experimentação sobre como é andar com o lençol esticado, o coordenador colocará uma pena em cima de cada lençol, e eles terão que fazer o mesmo percurso, sem deixar que a pena voe. Para isso, terão de trabalhar em equipe, andando devagar e mantendo o lençol esticado. No segundo momento, será colocada uma bolinha de gude e, por último, duas bolinhas de gude.

Após a dinâmica, os profissionais poderão sentar com seu grupo e discutir sobre como se sentiram durante a atividade, se houve competição, com o que se preocuparam mais e, depois, debaterão com o grupo grande.

3ª reunião

Duração: 2h30

Objetivos: Sensibilizar os profissionais a acreditar nos potenciais de seus alunos e não desistir.

Estratégias: Filme “Adorável professor”

Recursos: Filme, espaço adequado para que todos enxerguem a projeção.

Avaliação: Pedir para que cada um reflita sobre o filme para discussão na próxima reunião.

Iniciar a reunião falando que o filme é um meio de inspiração para o trabalho como educador. Elencar alguns itens que devem ser observados: a transformação das atitudes do educador, do aluno, quais valores podemos observar e qual foi a cena mais significativa.

4ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Discutir o filme; refletir sobre o papel do educador.

Estratégias: A partir das perguntas propostas, iniciar a discussão.

Recursos: Projetor, PowerPoint com as perguntas.

Avaliação: Levantamento de dados sobre como podemos agir.

Iniciaremos com a retomada da história do filme e das perguntas. A partir disso, faremos uma discussão sobre o papel do educador, como ele pode ser transformado para melhor e o que devemos trabalhar interiormente em cada um. No final da reunião, faremos um levantamento de dados sobre como podemos agir em diferentes situações, o que devemos fazer quando temos algum problema pessoal, o que podemos fazer para melhorar nosso trabalho em grupo. Esse registro será disponibilizado para todos os profissionais.

5ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Sensibilização para o autoconhecimento e o trabalho com educação; Interpretar poesias; Identificar a educação moral como necessária; expressar-se por meio de desenhos.

Estratégias: Poesia I do livro “Poemas completos de Alberto Caeiro”, de Fernando Pessoa como meio de sensibilização; reportagem “Uma moral para agir no mundo”, Revista Nova Escola, nov/2009, que traz a importância da educação moral; desenhos para expressar seus sentimentos.

Recursos: Uma cópia da poesia e da reportagem para cada profissional, material para desenho.

Avaliação: O coordenador observará a interação do grupo e se houve modificação nas relações.

Iniciaremos a reunião com uma pequena introdução sobre Fernando Pessoa: quem foi, onde nasceu, a que período pertence, principais obras. Leremos a poesia, interpretaremos e faremos uma analogia com a nossa atuação. A partir disso, leremos a reportagem como recurso atual de dados e refletiremos individualmente sobre nossa vida pessoal, nossos pensamentos e nossas ações no trabalho. Faremos um desenho sobre o que estamos sentindo, e quem desejar poderá socializar.

2º módulo: Ética no contexto geral

1ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Levantar os conhecimentos prévios sobre ética; trabalhar os objetivos atitudinais.

Estratégias: Discussão sobre o que é ética; estudo de caso.

Recursos: Powerpoint com o caso, projetor, computador.

Avaliação: A partir do que foi falado, o coordenador poderá saber o que cada um sabe sobre o assunto e o que terá de ser discutido com maior aprofundamento.

Iniciar com a pergunta disparadora “o que é ética?”. O coordenador poderá registrar as respostas, ou eleger alguém para fazê-lo. Poderá interferir

na discussão, propondo novos questionamentos, como qual a diferença entre ética e moral, como ensinar valores em uma escola laica, quais valores devo prezar.

Após a discussão, apresentar o seguinte estudo de caso: Um aluno bate nos outros quando eles o provocam, pois sua família diz que é o certo. Este aluno sabe que não é permitido bater nos outros, mas persiste na conduta pelo apoio de sua família. Os professores deverão refletir e propor soluções para a reunião seguinte.

2ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Refletir sobre os significados da ética e da moral; fundamentar teoricamente a conexão entre ética e moral.

Estratégias: Retomada do estudo de caso; leitura coletiva do texto “A unidade complexa ética-moral”, de Leonardo Boff.

Recursos: Cópia do texto para cada profissional, estudo de caso.

Avaliação: A partir da solução de cada grupo por escrito, o coordenador poderá constatar o que foi entendido e o que não está claro nas definições de ética e moral.

Retomada do estudo de caso e das reflexões feitas durante a semana. A partir desta discussão, ocorrerá a leitura coletiva do texto de Leonardo Boff sobre a conexão entre ética e moral. Repensaremos o caso da reunião anterior em pequenos grupos e cada grupo terá de apresentar sua solução por escrito.

3ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Conhecer as duas vertentes principais da ética e os principais autores de cada uma; criar um exemplo de situação para cada uma das vertentes.

Estratégias: Apresentação de PowerPoint com as principais características de cada vertente; trabalho em grupos para criar a situação.

Recursos: Cópia do material apresentado para cada profissional

Avaliação: As situações que os grupos criarão será modo de avaliar o que foi importante e significativo para cada grupo.

A aula será expositiva no início. O coordenador apresentará as duas vertentes em uma apresentação de PowerPoint e as características dos principais autores que fazem parte do percurso. A partir disso, os profissionais terão que se juntar em grupos, formados pelo coordenador, para criar uma situação educacional para cada vertente, que será entregue.

4ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Conhecer a proposta do PCN; reformular os planos, se necessário; avaliar os planos dos outros grupos.

Estratégias: Apresentação em PowerPoint com a proposta do PCN para o trabalho com ética como tema transversal; reformulação e avaliação dos planos dos outros grupos.

Recursos: Volume 8 do PCN para cada grupo; apresentação em PowerPoint dos principais aspectos do PCN com relação ao trabalho com ética.

Avaliação: Os próprios professores farão uma avaliação dos planos de aula, que circularão entre os grupos. O coordenador providenciará uma cópia de cada plano com as novas sugestões para cada profissional, a fim de que todos tenham sugestões de trabalho para diferentes conflitos.

Iniciaremos a reunião com uma breve apresentação, realizada pelo coordenador, do PCN – Apresentação dos Temas Transversais e Ética. Cada grupo terá acesso a um volume 8 do PCN. Poderão rever seus planos e modificá-los se quiserem. Conforme forem terminando, os grupos trocarão os planos, a fim de dar sugestões e conhecer novas formas de mediação. Ao final, o coordenador recolherá novamente os planos para fazer suas sugestões e xerocar para cada profissional.

5ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Sensibilizar os profissionais para o ato de educar; cantar a música de Milton Nascimento.

Estratégias: Leitura de um trecho (p. 12-15) do livro “Sobre piolhos e outros afagos”, de Daniel Mundiruku; música “Caçador de mim”, de Milton Nascimento.

Recursos: Apresentação de PowerPoint com a letra da música, cd, uma cópia do trecho do livro para cada educador.

Avaliação: O coordenador observará as reações dos professores ao refletirem sobre o ato de educar e como a música sensibilizou-os.

Iniciaremos a reunião com a leitura do trecho do livro de Munduruku, que será base para uma breve discussão sobre o ato de educar e o que precisamos melhorar. Tocaremos a música de Nascimento, com a proposta de que todos cantem. Após a sensibilização, será pedido que cada um reflita sobre suas dificuldades e escreva-as, pois assim pode-se visualizar melhor os mistérios e o que precisamos “caçar” em nossa personalidade. Este registro é pessoal e não será entregue. A reunião terminará com a citação de Mahatma Gandhi: “Seja você, a mudança que quer ver no mundo”.

3º módulo: Vivência da ética em situações escolares

1ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Esclarecer os valores a serem trabalhados; criar planos de mediação com o embasamento teórico.

Estratégias: Apresentação em PowerPoint com a proposta da escola e os valores principais a serem trabalhados; leitura de um trecho (p. 83 e 84) do livro de Bicudo; em duplas, os professores terão que resolver dois problemas de sala de aula propostos pelo coordenador, usando os fundamentos da ética aprendidos.

Recursos: Trecho do livro xerocado para cada profissional, livros de histórias infantis.

Avaliação: O coordenador fará observações da participação dos profissionais e das soluções propostas nas duplas, sem fazer qualquer sugestão, pois isto ocorrerá na próxima reunião pelos próprios profissionais.

Iniciaremos a reunião com a apresentação da proposta da escola para o trabalho com os valores. Retomaremos os conceitos de ética e moral e discutiremos acerca dos espaços em que se pode trabalhar com essa formação, objetivamente e subjetivamente. A seguir, o coordenador fará a proposta de trabalho da resolução de um dos dois conflitos apresentados pelo coordenador: uma criança com a síndrome de asperger que está sofrendo bullying na sala de aula, os colegas o excluem, não querem brincar ou trabalhar com ele; crianças estão tocando incessantemente as partes íntimas durante a aula. Explicará que deve ser feito um plano de mediação e que existem alguns livros infantis expostos como sugestões para o trabalho que poderão ser usados nesta proposta. As duplas deverão ser formadas por interesse pelos temas. Após a realização da proposta, as resoluções deverão ser entregues ao coordenador para serem retomados na semana seguinte.

2ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Socializar possíveis soluções; criar um único plano de mediação para a situação problema; Criar uma apresentação.

Estratégias: Trabalho em grupos.

Recursos: Planos que foram feitos no encontro anterior.

Avaliação: O coordenador deverá observar o entrosamento do grupo, como foi discutido, como entraram em um consenso sobre a solução, como foi decidido o que será feito.

Retomaremos as duplas e, neste encontro, os profissionais socializarão nos grupos com o mesmo tema o que fora discutido no encontro anterior, cada um fará sua proposta e, se necessário, modificarão o encaminhamento para a solução da proposta. A seguir, deverão pensar na apresentação para o grupo. Novamente, será entregue a produção escrita.

3ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Opinar de forma ética e coerente; socializar hipóteses de trabalho com o fundamento teórico.

Estratégias: Apresentação criativa sobre o tema; debate ao final de cada apresentação.

Recursos: Os recursos serão dados pelos profissionais, dependendo dos planos das apresentações.

Avaliação: O coordenador avaliará a coerência e coesão do grupo, a forma como a apresentação foi feita e os fundamentos utilizados.

Neste encontro, faremos a socialização geral de ambas propostas. Cada grupo fará sua apresentação e em seguida, faremos uma discussão sobre os fundamentos que trouxeram, se a solução é coerente, se há algum outro modo de solução, sendo a discussão aberta e com a possibilidade de surgirem outros temas. A produção deverá ser entregue para que a instituição possa xerocar para todos.

4ª reunião

Duração: 2h

Objetivos: Avaliar o plano de ação; rever os principais conceitos e modos de atuação.

Estratégias: Todos receberão os planos das reuniões com os devidos registros e, em grupos, discutirão sobre o que ainda querem rever, o que foi bom e o que não foi; os profissionais, em grupos, elencarão os principais meios de educar em valores, e depois socializarão.

Recursos: Plano de ação para todos.

Avaliação: Os professores avaliarão o plano de ação e o coordenador poderá, a partir disso, e juntamente com os professores formar um novo plano, com as necessidades atuais.

Iniciaremos a reunião distribuindo este plano de ação e pedindo que os profissionais juntem-se em grupos para avaliá-lo. Depois de algum tempo, socializarão com o grupo grande, sendo o coordenador quem registrará as

sugestões. Então, faremos uma discussão para levantar os meios que podemos usar para ensinar valores e sensibilizar os alunos, como histórias, citações, músicas, atividades em grupo, poesias, textos atuais, filmes e jogos cooperativos. A partir disso, o que mais podemos fazer para contribuir na formação integral dos alunos? Agir como um ser integral, onde pensamentos, palavras e ações estão unidos pelo propósito da educação. O que podemos fazer para sermos seres integrais? Podemos ouvir nossos pensamentos, como nas dinâmicas realizadas, tentar nos entender e nos transformar por meio do autoconhecimento.

Fecharemos a reunião com a frase: “O seu bater à porta. O seu rosto à janela. Não é preciso andar às pressas, escondendo coisas debaixo das almofadas. Não é preciso ter vergonha de cadeira que range. Não é preciso pôr as melhores xícaras. Não faz mal, se só houver biscoitos quebrados”.

Considerações Finais

O presente trabalho não é fim, mas um meio para reflexão sobre a educação: um ato belo e complexo. Muitas vezes o processo é dolorido, exige dedicação, criatividade, autoconhecimento, palavras de amorosidade, trabalho reflexivo e em equipe e o estudo constante.

No decorrer desses quatro anos, nossas reflexões culminam na complexidade da educação. Porém, ao analisarmos a prática, que deve ser ponderada, encontramos muitos pontos de conflito devido à falta de conhecimento do projeto político pedagógico, a falta de autoconhecimento ou a falta de embasamento teórico por parte dos professores.

A formação continuada é de interesse individual, no entanto a instituição deve proporcionar subsídios para que sua proposta seja implementada. Assim, a formação em serviço é um dos meios para que isso ocorra. Na proposta da escola existem tópicos que versam sobre as condutas dos professores e algumas explicações e expectativas. Nesse âmbito, fornecer a formação sobre ética faz-se necessária, tendo em vista que os professores são o modelo que os alunos seguirão.

Portanto, a busca da formação destes profissionais nestes conteúdos é necessária. Além disso, se a escola em questão tiver um espaço como o conselho de cooperação, esta formação é ainda mais importante, pois dar os subsídios para os professores torna-os mais capazes de exercer suas funções como formadores de cidadãos integrais.

Os objetivos propostos para este trabalho foram atingidos: houve uma reflexão sobre o papel do coordenador como formador, a ética como eixo de trabalho e algumas sugestões de como trabalhar esta questão com alunos no espaço do conselho de cooperação. A proposta de ação é uma sugestão para o trabalho com professores, podendo ser modificada de acordo com as necessidades do grupo ou a proposta da escola.

O sonho sem uma ação é simplesmente um sonho. A ação desprovida de um sonho leva a lugar nenhum. Mas o sonho aliada à ação poderá mudar o mundo. (Fred Polak)

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ANDRADE, J. M.; MEIRA, G. R. J. M. O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: perspectivas e desafios. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Paraíba, ano 22, p. 46-53, 2002.

ARANHA, M. L. A. **História da Educação e da Pedagogia**. São Paulo: Moderna, 2006.

BICUDO, M. A. **Fundamentos éticos da educação**. São Paulo: Cortez, 1982.

BOCK, S. D. **Orientação profissional: A abordagem sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2006.

BOFF, L. **A Águia e a Galinha: Uma metáfora da Condição Humana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: EDIPRO, 1999. (Série Legislação).

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais e ética**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRUNO, E. B. G.; ALMEIDA, L. R. (orgs) **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança.** São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade.** São Paulo: Loyola, 2006.

COLLARES, C. A. L. **Medicalização:** elemento de desconstrução de direitos e exclusão escolar. São Paulo, 31 de outubro, Faculdade Campos Salles – Simpósio de Psicopedagogia.

DEWEY, J. **A valorização nas ciências humanas.** Campinas: Autores Associados, 2009.

_____. **Teoria da vida moral.** São Paulo: IBRASA, 1964.

DOWBOR, L. **O que acontece com o trabalho?** (2001). Disponível em: <http://dowbor.org/actrab.asp>. Acesso em: 26 ago. 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia:** Romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GONÇALVES, C. L. **O trabalho pedagógico não docente na escola:** um ensaio de monitoramento. Dissertação (Mestrado em Educação), USP, 1995.

_____. Projeto Pedagógico: movimento – documento. **Educação Continuada:** a experiência do Pólo 3, São Paulo, UMC/FAEP/Litteris, p. 24-30, 1998.

GRINSPUN, M. P. Z. (org). **Supervisão e orientação educacional: perspectivas de integração na escola**. São Paulo: Cortez, 2005.

KAES, R. *et al.* **A Instituição e as Instituições**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Editora UNIMEP.

LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da Escolha Profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARINO, M. J. O grupo no processo educativo. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 4, n. 7-8, p. 87-97, jul/1998 a g.

MATUS, C. **Curso de planificação e governo – Guia de Análise teórica**. São Paulo: ILDES Editor, 1991.

MORIN, E. **O método 6: ética**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOYSES, M. A. A. **A institucionalização invisível: crianças que não aprendem-na-escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. **O lado oculto da dislexia e do TDAH**. São Paulo, 31 de outubro, Instituto Sedes Sapientiae – Simpósio 30 anos de Psicopedagogia.

MUNDURUKU, D. **Sobre piolhos e outros afagos: Conversas ao pé da fogueira sobre o ato de educar (se)**. São Paulo: Palavra de Índio, 2005.

NOVAES, A. Sobre tempo e história. In: ABENSOUR, M. **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PACHECO, J. **Escola da Ponte: Formação e transformação da educação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

SAVIANI, D. **Educação:** Do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 2002.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2007.

LA TAILLE, Y. **Limites:** três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2008.

Anexo 1 – Pautas dos Conselhos

1º ano

27/04/09

Hoje fizemos a eleição do presidente e do secretário da classe no 2º trimestre. A aluna 1 e a aluna 2 irão representar o 1º ano da tarde nas reuniões do conselho da escola, além de ajudar a organizar o conselho, o caderno e o mural

04/05/09

Assunto: Como respeitar o colega.

Combinados: não provocar o colega; não pode bater; tem que ouvir da primeira vez que ele o avisa; respeitar o amigo; não xingar o amigo; ajudar o amigo; não rir do amigo; respeitar os combinados; não faça com os outros o que não quer que faça com você; não pode excluir o amigo; tem que compartilhar com os amigos.

11/05/09

Assunto: Estratégias de organização.

Combinados: Guardar a novidade assim que chegar do pátio; na hora da saída conferir se pegou todo o material (agenda, estojo, pasta de lição de casa e casaco, se tiver); na hora da saída, não pode tirar o material da mochila, nem a novidade; guardar o material no estojo antes de sair da sala; colocar o livro em algum lugar visível (biblioteca).

18/05/09

Assunto: Livros que pegamos na BCD (biblioteca).

Combinados: O nosso dia de BCD é segunda-feira às 17h20. A partir de hoje, quem esquecer o livro terá que esperar o próximo dia de BCD, ou seja, uma semana, para trocar o livro. Portanto, não pode trocar o livro em outro horário, pois está atrapalhando a bibliotecária e as aulas.

25/05/09

Assunto: Funções dos ajudantes de classe.

Combinados: Todos os dias é escolhida uma dupla de ajudantes, seguindo a lista da classe, que está em ordem alfabética. Os ajudantes têm as seguintes funções: verificar se as mochilas e lancheiras estão organizadas; entregar as fichas e lições de casa; ajudar a professora; apagar a lousa na saída; recolher os materiais; marcar o calendário; recolher o material coletivo; organizar a sala de aula.

01/06/09

Assunto: Como devemos deixar a sala de aula e lugares novos.

Combinados: Devemos deixar a sala organizada; pegar e guardar coisas nos lugares certos; quando for lavar as mãos para o lanche, devemos guardar todo o material no estojo ou no escaninho; as gavetas devem estar sempre arrumadas; não deixar os livros e o revisteiro bagunçados; os casacos que não estão sendo usados devem ficar pendurados na cadeira; depois que terminar o lanche, guardar as lancheiras nos cabides fora da sala.

08/06/09

Assunto: Organização da gaveta e do escaninho.

Combinados: Precisamos deixar a nossa gaveta e o escaninho organizados para preservar o nosso material. Muitos cadernos e pastas estão ficando amassados e estragados. O que podemos fazer para deixar a gaveta e o escaninho organizados: Fazendo uma pilha de cadernos, uma pilha de pastas transparentes, uma pilha de pastas coloridas e uma ilha de livros; Embaixo da mesa, deixar o estojo e a agenda no canto e fazer uma pilha com os outros materiais no outro canto; colocar as coisas no estojo ou no seu lugar para não perder; colocar a pasta de maneira que entre inteira.

15/06/09

Assunto: Como nós devemos tratar nossos cadernos e fichas.

Combinados: Não rasgar, não amassar e não folhear; não sujar o caderno e nem borrar a ficha; não pintar com canetinha; reler os combinados de uso do

caderno; não rabiscar; não usar muita cola; não pode pisar nas fichas; arquivar direito as fichas.

2º ano

16/02/09

Tema: pega-pega na hora do pátio

Algumas ações violentas ocorreram na hora do pátio quando brincavam de pega-pega. Foi combinado que outras brincadeiras substituirão esta até março, onde retomaremos a discussão para averiguar se é possível brincar novamente sem reações agressivas.

02/03/09

Tema: Conversa durante as explicações.

Primeiramente retomamos a pauta do conselho do dia 16/02 e concluímos que poderemos brincar de pega-pega na hora do pátio, lembrando sempre das regras e do respeito com os colegas.

Conversa tira a concentração, atrapalha no aprendizado e atrapalha os amigos. Combinamos que vamos tentar nos concentrar e focar sem falar com o amigo, cada um deve cuidar do seu silêncio, falar para o amigo que está conversando que não é hora de conversar.

09/03 e 16/03 não houve conselho

23/03/09

Tema: Barulho demais.

Hoje lemos um trecho do livro “Barulho demais”, de Max Velthuijs. A proposta foi como cada criança acha que o elefante deveria fazer para resolver o problema do barulho. As respostas individuais foram:

- O elefante poderia falar consigo mesmo, eu acho que ele precisava agüentar e quando não agüentasse mais, ia falar com o crocodilo;

- O crocodilo poderia falar outra vez com o elefante, assim ele ia entender que não ia gostar quando ficassem fazendo barulho enquanto ele está dormindo ou lendo ou fazendo outra coisa;
- O elefante poderia mudar de casa;
- O elefante poderia aprender a tocar outra coisa e os dois poderiam fazer uma banda;
- O elefante poderia falar com o crocodilo e dizer que gostava do instrumento;
- Eu fico quieto e esqueço o barulho e consigo me concentrar, o elefante podia fazer a mesma coisa;
- O elefante poderia tentar falar outra vez com o crocodilo e falar que ele poderia tocar seu violino em outro lugar, sem ser em sua casa;
- O elefante poderia falar com o crocodilo e dizer para ele ir a uma quadra para treinar;
- O elefante poderia pedir para ele parar de tocar, e se não parar, implorar, chamar um adulto;
- O elefante poderia fazer um acordo;
- O elefante poderia colocar um fone de ouvido e nunca mais ele ia ouvir o barulho;
- O elefante poderia se mudar para bem longe;
- O elefante poderia mudar de edifício ou mudar de andar;
- O elefante poderia mandar uma carta para o crocodilo, escrito: "Crocodilo, eu não agüento mais tanto barulho, muitos dias estou tendo dor de cabeça";
- O elefante poderia brigar com ele;
- O elefante poderia falar para o crocodilo "olha seu crocodilo, por favor, quando você for tocar, pode tocar em outro lugar?";
- O elefante poderia viajar para o Japão;
- O elefante poderia tentar falar que ele poderia largar um pouco o violino e tentar fazer silêncio para todos terem um pouco de paz e sossego, dizendo assim "você gostaria que eu fizesse tanto barulho?";
- O elefante poderia conversar de novo com ele e se não der certo, o elefante pode ensinar o crocodilo a tocar outra coisa;
- O elefante poderia colocar um algodão no ouvido;

- O elefante poderia tirar o instrumento da mão do crocodilo e esconder;
- O elefante poderia ir conversar com o crocodilo e combinar de só tocar baixinho.

30/03/09

Tema: Como estou me comportando durante as aulas

Discutimos a partir da questão “Como estou me comportando durante as aulas? E por quê?”. Após breve discussão, cada um respondeu individualmente:

- Estou me comportando bem, presto atenção e não converso;
- Eu acho que estou me comportando na aula de Espanhol porque não converso muito na aula;
- Eu canto de vez em quando nas aulas e converso fora de hora;
- Eu fico bem porque estou prestando atenção;
- Eu presto atenção, mas várias pessoas conversam, ai eu me distraio porque já acabei a atividade;
- Acho que mais ou menos, é porque tem gente que conversa comigo;
- Eu estou indo bem, porque estou conseguindo me concentrar bastante;
- Eu acho que sou uma aluna que presta atenção e que está pronta pra tudo, porque vim pra escola para estudar;
- Estou me comportando bem, porque eu cuido do meu silêncio e presto atenção nas aulas;
- Estou bem porque não faço gracinha;
- Estou me comportando mais ou menos, porque às vezes converso um pouco;
- Eu não berro, mas sempre quero bater papo, porque não consigo me controlar;
- Eu não estou prestando atenção na aula, porque eu estou brincando;
- Eu falo algumas coisas certas e algumas erradas, vou tentar melhorar em Letras e Números;
- Eu estou prestando muita atenção, eu gosto de ser educado e silencioso;
- Não estou me comportando, mas os outros alunos também não, porque falo e levanto muito;

- Eu estou cantando um pouco;
- Estou prestando atenção, porque não canto, não brinco e fico quieto;
- Estou me comportando bem porque não estou conversando;
- Nas aulas de Francês e Inglês estou me concentrando muito bem, fico quieto, também na aula da Sil;
- Estou me comportando bem, porque não estou conversando nas horas erradas;
- Eu estou me comportando bem, porque e estou prestando atenção nas aulas;
- Não muito bem porque ficam me provocando;
- Eu fico olhando o amigo, porque, eu não sei, mas fico quieta, no lugar e não fico conversando;
- Eu nunca fiquei quieto, eu não paro de falar porque eu começo a falar e esqueço da aula e não paro de falar com meu amigo;
- Estou me comportando muito mal porque não presto atenção na aula;
- Eu acho que bem, porque eu fico quieta nas atividades e nas mudanças e explicações;
- Bem, porque fico falando para outras pessoas fazerem silêncio, elas deixam a classe barulhenta e tiram a minha concentração, eles não prestam atenção;
- Eu acho que estou conseguindo me controlar em algumas aulas, porque gosto de aprender e de prestar atenção.

06/04/09

Tema: O que venho fazer na escola

A discussão foi feita a partir da seguinte questão: “O que venho fazer na escola?”. Posteriormente, cada aluno fez um registro individual:

- Eu vim pra ficar inteligente e estudar, não vim pra ficar falando;
- Eu venho aprender coisas;
- Aprender coisas novas;
- A gente vem estudar e aprender;
- Estudar e algumas horas brincar e aprender a ler e escrever;
- Aprender e só brincar nas horas que deve;
- Eu venho estudar;

- Eu venho aprender, brincar e estudar;
- Estudar, aprender línguas diferentes, conhecer outros países;
- Estudar, aprender e me divertir um pouco;
- Aprender e estudar;
- Eu venho aprender;
- Eu venho aprender coisas novas e outras que já sei;
- Ficar esperta e aprender as coisas;
- Estudar, brincar e tomar lanche;
- Estudar e aprender coisas diferentes.

13/04/09 – Avaliações trimestrais.

20/04/09 – Feriado de Tiradentes.

27/04/09 – Avaliações trimestrais.

04/05/09 e 11/05/09 não houve conselho

18/05/09

Tema: Organização da fila e hora da saída.

Discutimos sobre como podemos organizar a fila para subir para a classe e para descer, na hora do pátio e saída.

Ficou combinado que sempre usaremos o corrimão direito e andaremos em fila única. Na saída, ficaremos sentados, procurando ouvir a chamada.

25/05/09

Tema: Organização geral da escola.

Neste conselho foi retomada a questão da organização geral da escola. Foi apresentado o novo cartaz de ajudantes, onde uma tarefa possui mais um auxiliar, que será trocado quinzenalmente.

As tarefas dos ajudantes são:

- Organização e cuidados das mochilas (2 alunos)
- Ajudantes e organizadores da sala (6 alunos – 1 por grupo)

- Organizadores da fila (2 alunos – um sempre será o primeiro e o outro, sempre o último)
- Representantes do Ipê (2 alunos – esta categoria será mensal)
- Representantes da sala (2 alunos eleitos)

Após a explicação de cada função foi feita a eleição para os representantes de sala. Houve várias candidaturas e cada um disse o por quê deveria ser eleito. No final foi realizada a votação individual e secreta.

01/06/09

Tema: Organização

Retomamos a pauta anterior. Ainda precisamos organizar o silêncio em sala, mochilas e silêncio durante o conselho. Desde o início do ano, houve grande melhora no barulho durante as aulas.

Tivemos alguns problemas na hora do pátio: chegamos primeiro no lugar de jogar o bolão e outras crianças pedem que saíamos e não nos respeitam. Se resistirmos, eles nos batem. Conversamos e chegamos à conclusão de que devemos, neste caso, chamar um adulto e falar com as professoras das salas dos alunos que estão nos agredindo.

08/06/09

Tema: Respeitar os próprios medos.

Foi lido o livro “Alguns medos e outras coragens”. A proposta foi de que cada criança contasse um medo e uma coragem, ou seja, um medo superado.

<i>Aluno</i> ¹⁵	<i>Medo</i>	<i>Coragem</i>
Isabella	Escuro	Andar de bicicleta
Ana	Perder gogo's	Ir à escola
Lucas	Ser perseguido por alguma coisa selvagem	Tubarão
Giulia	Ficar sozinha na floresta	Escuro
Thais	Me perder	Ficar sozinha no escuro
Vinicius	Tubarão branco	Ficar no escuro
Emanuela	Carro parado e escuro	Cair da janela e de barata
Mateus	Montros	Escuro
Sofia	Nada	Rato e ratazana

¹⁵ Os nomes verdadeiros foram modificados para o sigilo das crianças em questão.

Fernando	Luz azul	Brigar com a minha irmã
Carolina	Irmão bater em mim	Escuro
Júlia	Assaltarem minha casa	Escuro
Caio	Bomba relógio	Galinha
Antônio	Personagem do videogame	Cobra
Vitória	Pegar fogo no prédio	Cair no precipício
M ^a Luisa	Barata	Aranha
Gabriella	Nada	Escuro
Felipe	Cemitério à noite	Escuro
Fábio	Casar	Bicho-papão
João	Ser expulso da escola	Escola
Gustavo	De ser agarrado pelas meninas	Bicho-papão
Leandro	Casar	Escuro
Guilherme	Nada	Cobra, rato, sapo
Leonardo	Meninas	Fruta
Letícia	Barata	Escuro
Gabriel	Fred-grugger	Bomba relógio
Nilo	Mãe	Meleca de nariz
Lorenzo	Palhaço	Tubarão
Arthur	Escuro e monstros	Borboleta, besouro e bichos

15/06/09

Tema: Postura em sala de aula.

Discutimos sobre como devemos nos portar em sala de aula, o que é postura de estudante e o que causa a ausência de tal postura.

Alguns alunos falaram e chegamos às seguintes conclusões: Ter postura de estudante é sentar direito, fazer silêncio, não fazer gracinhas, não falar enquanto a professora fala, não se arrastar pela sala, não brigar e não bater.

22/06/09 - Evento “Fête de la musique”

29/06/09

Avaliação do trimestre em relação à organização do grupo: as conquistas e os benefícios.

Concluimos que estamos bem mais organizados, nossas mochilas ficam no lugar correto, nosso material está mais organizado e limpo, estamos quase fazendo uma fila perfeita. Mas temos pontos para melhorar no próximo semestre, como a fila, a conversa fora de hora e as brincadeiras inadequadas.

17/08/09

Tema: Gripe A, vírus H1N1

Discutimos os sintomas da gripe A e os meios de prevenção, como por exemplo, não emprestar material, colocar a mão na boca para espirrar ou tossir, toda vez que espirrar ou tossir, passar o álcool em gel ou lavar as mãos e o modo correto de lavá-las.

24/08/09

Tema: Convívio em sala de aula.

Retomamos as regras para o bom convívio em sala de aula, discutimos cada uma delas, que serão afixadas ao mural.

31/08

Tema: Agressividade no grupo.

Discutimos questões de agressividade por parte de um aluno em específico e as atitudes agressivas do grupo para com ele. Várias crianças expressaram as situações de desagrado e os momentos em que foram provocados ou agredidos pelo aluno em questão. Comentaram a questão da tentativa de suborno por parte do aluno para conseguir a desculpa ou a amizade de alguém.

O aluno posicionou-se, falou o que pensava, mas sempre jogando a culpa nos outros, chegando a ponto de, quando faltavam argumentos, mudar o alvo e transferir a “culpa” para outra criança, por um ocorrido em outro dia.

Ficou combinado que ambos (grupo e o aluno em questão) tentariam ser mais tolerantes e, em casos de conflito, procurariam um adulto.

07/09/09 – Feriado do dia da Independência

14/09/09

Tema: Agressões físicas e verbais e furtos.

Discutimos sobre agressões físicas e verbais a colegas que provocam ou vindos de colegas que dizem estar estressados. Além disso, sobre o sumiço de objetos no corredor e dentro da sala.

Combinamos que, quanto às agressões, devemos procurar um adulto para auxiliar e, quanto aos furtos, que não devemos deixar objetos (brinquedos) e trabalhos de artes no corredor, devemos trazer para a escola brinquedos pequenos, com o nome e não podemos mais trazer Gogo's.

21/09/09

Tema: Apresentação de música.

Discutimos que estar na apresentação de música é obrigatório, que devemos nos comportar adequadamente nas aulas de músicas e podemos aprender muito. Conversas paralelas e brincadeiras atrapalham a aula.

Concluimos que devemos nos comportar e obedecer aos professores durante os ensaios, devemos nos controlar (não conversar e não brincar), seguir as instruções dos professores e que um amigo tentará auxiliar o outro.

28/09/09

Tema: Brinquedos na escola e ensaio para a apresentação de música.

Conversamos novamente sobre trazer Gogo's na escola. Fizemos uma votação: 10 crianças foram a favor de não existir mais a regra e 20 quiseram manter a regra. Concluimos que os Gogo's continuam proibidos.

Num segundo momento ensaiamos as músicas e a coreografia para a apresentação de música.

05/10/09

Tema: Aprendizado.

Discutimos sobre como podemos melhorar nossas condições de aprendizado e o que estamos fazendo para ajudar neste processo. Cada aluno recebeu dois papéis e respondeu as seguintes questões: "Como estou agindo para melhorar minha aprendizagem?" e "O que posso fazer para aprender mais?".

Respostas para a primeira questão:

- Estou copiando tudo;
- Às vezes fico quieto, estou mais ou menos;
- Presto atenção na aula, eu me esforço para aprender, levanto a mão quando tenho dúvida;
- Eu acho que não estou nem bem nem mau, sou algumas vezes um ótimo aluno e outras vezes um péssimo aluno;
- Eu fico quieto, sento direito, só leio quando pode, ouço a professora e não brinco com materiais;
- Estou me comportando bem nas aulas, estou me esforçando para não falar e brincar;
- Estou falando um pouco, mas quando é coisa séria eu termino junto com a Sil, olha eu saio da cadeira mas, às vezes, eu fico certa. Olha o que eu faço: fico na cadeira, falo um pouco, me esforço muito para aprender e ficar uma criança inteligente;
- Eu presto atenção na aula, sento direito, me esforço na aula e faço as lições de casa;
- Eu me comporto, eu sento, levanto a mão para falar, não converso no meio de aulas e me esforço;
- Eu não pego o caderno de desenho, eu não brinco quando a professora está explicando a lição, eu trago a lição de casa e não me perco nos textos;
- Estou agindo bem, levanto a mão e fico quieto;
- Tento me controlar durante a aula, falo quando sou chamado e tento fazer letra legível;
- Eu presto atenção nas aulas;
- Estou fazendo silêncio, não estou andando muito pela sala e eu acho que melhorei bastante e é isso que eu acho. Ah! Deixa eu ver...sento direito, melhorei minhas notas, estou fazendo o possível para melhorar;
- Estou ficando quieta, presto atenção, peço silêncio para quem está conversando, levanto a mão para falar, falo o que eu sinto, me esforço nas atividades, escrevo com capricho, tenho força de vontade e não levanto;
- Eu estou estudando, prestando atenção na aula, fazendo a lição de casa, sento direito, levanto a mão para falar e tirar dúvidas, me comporto

adequadamente, dando o melhor de mim e lendo livros para aprender, por exemplo, livros de ciências e tecnologia, faço silêncio e minha letra é bonita;

- Eu acho que estou bem, ouço a professora e nunca deixo a lição para trás, me esforço bastante e não brinco fora de hora;
- Presto atenção, sento direito, levanto a mão quando tenho dúvida na lição de casa e fico quieto;
- Não leio durante a aula, presto atenção, não converso, sento direito, levanto a mão quando tenho dúvida;
- Eu estou me esforçando o máximo nas avaliações, eu estou sentando direito, estou fazendo todas as lições de casa e estudando;
- Paro de falar, presto atenção, faço as lições, não converso durante a aula, sento direito, levanto a mão para falar, não esqueço da lição;
- Eu fico quieta algumas horas, mas outras horas não, eu sento direito e presto atenção;
- A Sil fala que eu faço a letra bonita e com capricho e que ela é bem feita. Mas quanto à falação! Eu não paro de conversar, a Giulia começa mas eu acabo conversando também;
- Às vezes me descontrolo e às vezes fico quieta, e às vezes sou os dois;
- Faço minhas lições com capricho;
- Estou agindo bem e às vezes levanto a mão para falar, sempre tiro dúvidas com a Sil ou a Clau.

Respostas para a segunda questão:

- Não fazer barulho com a boca, não brincar durante a aula, não fazer gracinhas e fazer o que tem que fazer;
- Devo me controlar;
- Eu posso me esforçar mais e prestar mais atenção, não falar mais;
- Ler mais livros e prestar bastante atenção na aula;
- Eu tenho que me sentar direito, não ficar em pé quando não é hora, não interromper a professora;
- Ficar em silêncio, bem quietinha e bem comportada e sem interromper a professora;

- Fazer mais silêncio, tentar caprichar mais e aprender um monte a mais de coisas prestando atenção, e me esforçar para que o barulho não atrapalhe;
- Me esforçar mais nas lições e levantar mais a mão;
- Sentar um pouco melhor e parar de brincar com o material quando a professora está falando;
- Eu posso estudar mais, me esforçar mais e parar de conversar;
- Eu tento prestar atenção;
- Ficar mais quieta;
- Ficar sentada;
- Ficar quieta, parar de ler gibi e de rir em horas inadequadas;
- Parar de conversar com a Giulia e com o Gui, e tento conversar com a Ana mas nunca consigo, ficar sem balançar a cadeira na aula;
- Não falar na hora errada, levantar a mão quando tenho dúvida, fazer as lições junto com todos;
- Não posso fazer nada, acho;
- Eu tenho que parar de me distrair;
- Parar de rir quando fazem gracinha;
- Não falar em horas desapropriadas;
- Ficar quieto na aula e prestar atenção;
- Ler, ficar quieta e me esforçar;
- Posso ouvir a professora, não fazer gracinha, não ler gibi enquanto a professora está falando;
- Nada;
- Ficar quieto, levantar a mão, prestar mais atenção, ouvir a Sil;
- Todo mundo ficar quieto, ai ninguém se atrasa e pensa muito bem, e a Sil vai ficar muito tranqüila;
- Não conversar com meus amigos.

12/10/09 – Feriado de N. Sra. Aparecida

19/10/09

Tema: Sinais luminosos e Hino Nacional

Retomamos os significados dos sinais luminosos para fazermos silêncio. No segundo momento, fizemos a leitura do Hino Nacional, com a explicação de alguns trechos.

26/10/09

Tema: Prevenções da gripe A

Retomamos a importância de não emprestarmos materiais a fim de prevenir a gripe A, e o uso do álcool em gel, que deve ocorrer somente quando não podemos lavar as mãos.

02/11/09 – Feriado dos finados

09/11/09

Tema: Enxergar os diferentes pontos de vista.

Em grupos, os alunos receberam um pedaço de um desenho e tiveram que tentar adivinhar o que era. Depois, um representante de cada grupo levou a peça para uma mesa, onde foi montado o quebra-cabeça.

Foi lida a história “Face de espelho”, em que cegos tatearam partes de um elefante, o mesmo que eles fizeram com o quebra-cabeça. Discutimos sobre o trabalho em grupo, a importância do respeito com os colegas, de ser educado, que todos temos diferentes pontos de vista de uma mesma situação e que os amigos gostam quando somos legais e conversamos ao invés de retrucar, xingar sem pensar e bater.

Combinamos que mudaremos a conduta com os colegas e que tentaremos enxergar o ponto de vista do outro.

16/11/09

Tema: Diferentes pontos de vista e a verdade,

Iniciamos o conselho retomando como deve ser a postura neste espaço e concluímos que: temos que sentar direito; não podemos falar sem ter a palavra; temos que obedecer a professora; não podemos interromper nem rir dos colegas.

Conversamos sobre o que é cooperar e concluímos que é colaborar, ajudar a fazer silêncio. Também conversamos sobre a função do espaço e concluímos que serve para ajudar a melhorar a conduta.

Lemos o livro “Morcego Bobo”, que trata dos diferentes pontos de vista e do respeito com os demais. Discutimos que temos que nos colocar no lugar dos outros e trabalhar juntos para enxergar a verdade, como os cegos (conselho anterior). Combinamos que cada um deve contar o seu ponto de vista da verdade, pois falar a verdade é ter bom caráter, mesmo que doa, é mais honesto.